

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES – CAMPUS SÃO PAULO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES (PROF-ARTES)

FRANCISCA JOELMA GONÇALVES LIMA

**LEITURA E CRIAÇÃO DE IMAGEM:
encantamento e identidade**

São Paulo
2024

FRANCISCA JOELMA GONÇALVES LIMA

**LEITURA E CRIAÇÃO DE IMAGEM:
encantamento e identidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Artes PROF-ARTES do Instituto de Artes, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Artes.

Linha de pesquisa: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes
Orientador: Prof. Dr. Pio de Sousa Santana

São Paulo
2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

L732l Lima, Francisca Joelma Gonçalves (Xicâ G Lima), 1970-

Leitura e criação de imagem: encantamento e identidade / Francisca
Joelma Gonçalves Lima. -- São Paulo, 2024.
146 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Pio de Sousa Santana.

Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) – Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Arte - Narrativas pessoais. 2. Arte na educação. 3. Fotografia. I.
Santana, Pio de Sousa, 1959-. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Artes. III. Título.

CDD 707

Bibliotecária responsável: Luciana Corts Mendes - CRB/8 10531

FRANCISCA JOELMA GONÇALVES LIMA

**LEITURA E CRIAÇÃO DE IMAGEM:
encantamento e identidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Artes PROF-ARTES do Instituto de Artes, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Artes.

Dissertação aprovada em 21 de março de 2024

Prof. Dr. Pio de Sousa Santana, UNESP - SP - Professor Orientador

Profa. Dra. Lilian do Amaral Nunes, DIVERSITAS/USP

Prof. Dr. Sidiney Peterson Ferreira de Lima, UNESP - SP

Dedico ao meu pai e minha mãe, minhas irmãs e irmãos, minha filha e meu filho,
meu marido, alunos, amigos e colegas docentes.

Agradecimentos:

Eu agradeço ao sopro divino que me trouxe até aqui, a minha mãe Maria e meu pai Sebastião, por terem me criado em uma casa onde eu sempre ouvi forró, essa é a música que me faz feliz desde sempre, e que me lembra vocês.

Gratidão aos meus irmão e irmãs: Jozemar por seu amor a natureza; Laércio por suas mãos que fazem o alimento ter beleza para além do sabor; Lúcia pela sua força desde sempre; Katia por seu genuíno afeto; e Cassia pela coragem; dentro de mim há um pouco de cada um de vocês.

Minha filha Elis por ser desde sempre essa luz, silenciosa, grande e amorosa, meu filho Arthur pela energia linda que emana de você, seu afeto e bondade, vocês são minha fonte de inspiração e meus grandes amores desde sempre e até sempre.

Gratidão a meu esposo Matheus pelo amor e paciência, pelo chá feito depois de uma madrugada não dormida escrevendo, eu te amo.

Ao meu orientador Pio de Sousa Santana, pela generosidade com que me conduziu durante a pesquisa, pela calma em me fazer acreditar que era possível, por sua gentileza e grandiosidade, você é um Mestre de verdade.

*Esse é o meu presente,
meu afeto,
meu tempo,
minha memória,
minha oferta.*

Xicâ G Lima

RESUMO

Este trabalho aborda uma experiência vivida a partir do meu trabalho de artista, professora de arte e pesquisadora, e das minhas produções com a linguagem da fotografia. Discorro, aqui, sobre alguns dos meus processos artísticos e de algumas poéticas que participam da minha história e atuaram de maneira fundamental na construção da minha identidade, autonomia e pensamento crítico. Em seguida, apresento uma sequência didática criada para estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental, baseada nas minhas vivências, partindo da leitura de imagens e do desenvolvimento de procedimentos criativos que podem enriquecer o processo de construção identitária dos(as) estudantes, alimentando o repertório imagético dos mesmos e potencializando a imaginação, por meio de uma metodologia de acesso à arte, da nutrição estética, e da possibilidade de encantamento durante os encontros, valorizando, assim, as suas criações. As situações de aprendizagem citadas aqui, passaram-se na escola rural E.M. Mônica Sônia Franco Pinheiro Maida, que está situada na região sudeste do município de Suzano, cidade localizada na região do Alto Tietê, em São Paulo, e foram realizadas para o Instituto de Artes na Universidade Estadual Paulista no Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES. A pesquisa é de âmbito qualitativa, embasada em autores do campo da fotografia, da arte e da arte/educação, fundamentando-se também em documentos oficiais. Anseio possibilitar experiências sensíveis neste lugar que é o da educação, desenvolvendo uma aprendizagem significativa, crítica, libertadora e autônoma, estreitando as relações entre educando, educadora, escola, arte e comunidade.

Palavras-chave: Fotografia; Leitura de imagem; Arte/educação; Encantamento; Memória; Identidade; Corpo.

ABSTRACT

This work addresses an experience based on my work as an artist, art teacher and researcher, and my productions using the language of photography. Here, I discuss some of my artistic processes and some poetics that participate in my history and played a fundamental role in the construction of my identity, autonomy and critical thinking. Next, I present a didactic sequence created for students in the 5th year of Elementary School, based on my experiences, starting from the reading of images and the development of creative procedures that can enrich the students' identity construction process, feeding the repertoire their imagery and enhancing their imagination, through a methodology of access to art, aesthetic nutrition, and the possibility of enchantment during meetings, thus valuing their creations. The learning situations mentioned here took place at the rural school E.M. Mônica Sônia Franco Pinheiro Maida, which is located in the southeast region of the municipality of Suzano, a city located in the Alto Tietê region, in São Paulo, and were carried out for the Institute of Arts at the Universidade Estadual Paulista in the Professional Master's Degree in Arts – PROF-ARTES. The research is qualitative in scope, based on authors from the fields of photography, art and art/education, also based on official documents. I hope to enable sensitive experiences in this place of education, developing meaningful, critical, liberating and autonomous learning, strengthening relationships between the student, educator, school, art and community.

Keywords: Photography; Image reading; Art/education; Enchantment; Memory; Identity; Body.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - A casa do meu avô	13
Figura 2 - Minha primeira câmera fotográfica.....	19
Figura 3 - Gabriel e Elis.....	20
Figura 4 - Elis na bacia.....	21
Figura 5 - Elis no tanque	21
Figura 6 - Convite da exposição Transitar.....	23
Figura 7 - Ambiente da instalação Reflexões	24
Figura 8 - Arthur em sua primeira semana de vida	25
Figura 9 - Mural do trabalho Virado a Paulista	26
Figura 10 - Detalhe do mural do trabalho Virado a Paulista	27
Figura 11 - Homem inicia, de joelhos, a procissão do Círio de Nazaré.....	29
Figura 12 - Passagem da imagem de Nossa Senhora de Nazaré	29
Figura 13 - Homem faz uma prece de braços abertos olhando para o céu.....	30
Figura 14 - Homens carregam a corda do Círio de Nazaré.....	31
Figura 15 - Homens do exército fazem um cordão de segurança.....	31
Figura 16 - Romeiros fazem uma prece com as mãos erquidas em direção ao céu.....	32
Figura 17 - Romeiros caminham descalços segurando a corda do Círio de Nazaré.....	32
Figura 18 - Mulher é amparada durante a procissão.....	33
Figura 19 - A imagem de Nossa Senhora de Nazaré chega à Basílica Santuário	33
Figura 20 - O artista Sinval Garcia (14/04/1966 + 15/10/2011)	34
Figura 21 - Cibeles.....	36
Figura 22 - Átis.....	37
Figura 23 - Cibeles.....	38
Figura 24 - Baco.....	39
Figura 25 - Cibeles.....	40
Figura 26 - Detalhe da construção da câmera pinhole.....	42
Figura 27 - Criança fotografando com a câmera pinhole	43
Figura 28 - Criança fotografando com a câmera pinhole	43
Figura 29 - Fotografia pinhole de Andre Teixeira	44
Figura 30 - Fotografia pinhole de Arthur Decanini.....	44
Figura 31 - Fotografia pinhole de Duda.....	45
Figura 32 - Fotografia pinhole de João Ozório	45

Figura 33 - Fotografia pinhole de João Pedro Alboledo	46
Figura 34 - Fotografia pinhole de Marcela.....	46
Figura 35 - Exposição das fotografias pinhole, feitas por crianças de 07 a 12 anos, do programa Curumin do SESC Osasco.....	47
Figura 36 - A senhora.....	48
Figura 37 - Eu sou a névoa, o silêncio e a guerra	49
Figura 38 - Entre os musgos que abraçam o muro, a geometria que teimosa se afirma	50
Figura 39 - HIJAB (Véu)	51
Figura 40 - Deixa-me ser transporte de um vinho que não é de frutas	52
Figura 41 - Quantos livros te disseram que o silêncio é amor?	53
Figura 42 - Eu sou o barro que inunda as casas em tempo de ventania... ..	53
Figura 43 - Que a vida nos seja leve, como o sopro divino que nos lançou neste lugar... ..	54
Figura 44 - Minha sobrinha disse: tia me ensina um sonho	54
Figura 45 - Sopro, imagens sobrepostas digitalmente	56
Figura 46 - Sopro, instalação e fotografias no IA, UNESP	57
Figura 47 - Sopro, imagens sobrepostas digitalmente	58
Figura 48 - Eu com mais ou menos um ano.....	60
Figura 49 - Minha bisavó Antonia Gonçalves Lima	62
Figura 50 - A mariposa e as formigas	63
Figura 51 - Através.....	65
Figura 52 - All you need is love	68
Figura 53 - Mapa de Suzano	71
Figura 54 - Escola Profª Mônica Sônia Pinheiro Maida vista de cima.....	72
Figura 55 - Entrada da escola Profª Mônica Sonia Pinheiro Maida.....	73
Figura 56 - Esquema do sistema de medidas para construção da câmara escura... ..	78
Figura 57 - Esquema da dobra da caixa	78
Figura 58 - Esquema de dobra da tampa com papel vegetal.....	78
Figura 59 - Esquema do sistema de medidas para construção da câmara escura... ..	79
Figura 60 - Esquema de dobra da tampa com papel cartão	79
Figura 61 - Esquema do furo da câmara escura	80
Figura 62 - Esquema de encaixe para utilizar a câmara escura.....	80
Figura 63 - Menina construindo a câmara escura	81

Figura 64 - Estudantes construindo a câmara escura	82
Figura 65 - Estudantes construindo a câmara escura	82
Figura 66 - Esquema do lado interno de uma câmara escura.....	84
Figura 67 - Estudantes observando as imagens dentro da câmara escura	85
Figura 68 - Estudantes observando as imagens dentro da câmara escura	85
Figura 69 - Estudante observando as imagens dentro da câmara escura	86
Figura 70 - Estudantes observando as imagens dentro da câmara escura	86
Figura 71 - Autorretrato de um homem afogado (1840), Hippolyte Bayard.....	88
Figura 72 - Paraisópolis, 2004 - Tuca Vieira	92
Figura 73 - Detalhe da obra Giganto de Raquel Brust	94
Figura 74 - Instalação criada por Alex Flemming, 1998, Metrô Sumaré - SP.....	94
Figura 75 - Estudantes durante uma situação de aprendizagem	98
Figura 76 - Estudantes durante situação de aprendizagem	99
Figura 77- Colagem realizada pelo estudante João	99
Figura 78 - Colagem realizada pelo estudante Diogo	100
Figura 79 - Colagem realizada pela estudante Lara.....	101
Figura 80 - Colagem realizada pela estudante Mikaelly.....	102
Figura 81 - Colagem realizada pela estudante Milene	103
Figura 82 - Colagem realizada pela estudante Thais	103
Figura 83 - Colagem realizada pelo estudante Nicolas	104
Figura 84 - Colagem realizada pelo estudante Nicolly	105
Figura 85 - Colagem realizada pelo estudante Ramon	106
Figura 86 - Colagem realizada pelo estudante Thiago.....	107
Figura 87 - Xicâ e os estudantes do 5º ano A	109
Figura 88 - A artista Elidayana Alexandrino, ao lado de uma de suas obras	111
Figura 89 - A artista Elidayana Alexandrino com os estudantes do 5º ano A.....	112
Figura 90 - A artista Elidayana Alexandrino com os estudantes do 5º ano A.....	112
Figura 91 - A artista Elidayana Alexandrino com os estudantes do 5º ano A.....	113
Figura 92 - A artista Elidayana Alexandrino com os estudantes do 5º ano A.....	114
Figura 93 - Estudantes observam a professora durante a experiência com lambe- lambe	116
Figura 94 - Estudantes durante a experiência com lambe-lambe	117
Figura 95 - Estudantes durante a experiência com lambe-lambe	118
Figura 96 - Menina colando sua imagem em lambe-lambe.....	119

Figura 97 - Menino colando sua imagem em lambe-lambe.....	119
Figura 98 - Menino colando sua imagem em lambe-lambe.....	120
Figura 99 - Menina observa uma imagem em lambe-lambe	120
Figura 100 - Menina passando cola na imagem.....	121
Figura 101 - Menina passando cola na imagem.....	122
Figura 102 - menina colando sua imagem, em lambe-lambe, com a professora Xicâ	123
Figura 103 - Menino colando sua imagem em lambe-lambe.....	124
Figura 104 - Estudantes posam para foto em frente ao muro com suas imagens coladas em lambe-lambe	124
Figura 105 - Camera pinhole.....	130
Figura 106 - Caixa de fósforos aberta	131
Figura 107 - Caixa de papel sendo cortada.....	131
Figura 108 - Caixa de papel pintada de preto	132
Figura 109 - Colocando papel alumínio.....	132
Figura 110 - Obturador	133
Figura 111 - Unindo as bobinas	133
Figura 112 - Colocando o filme na caixa	134
Figura 113 - Fechando a câmera e vedando	134
Figura 114 - A câmera pinhole pronta	135

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 MEU ENCONTRO COM A PRÁXIS POÉTICA	17
2.1 Enquanto as coisas fermentam, caminho que se faz	22
3 SOBRE O PODER DAS IMAGENS	59
3.1 Imagens e diversas leituras, memórias e invenções	63
4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA	70
4.1 CRONOGRAMA.....	73
4.2 AULAS.....	75
4.2.1 Aula 01.....	75
4.2.2 Aula 02.....	77
4.2.3 Aula 03.....	83
4.2.4 Aula 04.....	87
4.2.5 Aula 05.....	90
4.2.6 Aula 06.....	92
4.2.7 Aula 07.....	96
4.2.8 Aula 08.....	107
4.2.9 Aula 09.....	109
4.2.10 Aula 10.....	115
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS	128
ANEXO A – Construção da câmara pinhole	130
ANEXO B.....	136

1 INTRODUÇÃO

*Minha história é de correr com as cabras numa casa grande...
 No batente da casa há uma mulher cozendo uma toalha...
 Eu ouço um grito: CONFEITO!
 Vêi Lixandre vem batendo uma madeira que faz muito barulho,
 não sei o nome disso...
 Ele é gordo e grande como o papai Noel,
 acho que ele é uma das minhas maiores alegrias infantis
 porque tenho uma memória carinhosa dele...
 Eu vejo a casa... em volta têm árvores que ainda não estão secas,
 e o chão levanta muita poeira.
 A cabra salta, eu a vejo pelo ângulo do chão...
 Isso é um gosto de quando eu tinha dois anos em Serra Talhada.
 Essa é a casa do meu avô, muitos anos depois eu soube disso
 Não era um sonho, tudo existiu...
 Embora tenha esse gosto de nuvem dentro de mim.
 Eu aprendi a ser feliz bem pequena...
 Lá na terra do lampião.*

Xicâ G Lima

Figura 1 - A casa do meu avô



Fonte: Kátia Gonçalves, Serra Talhada – PE (2018)

Ao iniciar essa dissertação, lanço mão da minha primeira memória, tentando alcançar algo que, muitas vezes, a palavra não dá conta: o espanto, o impacto que uma imagem ou um acontecimento pode ter dentro de nós, mesmo quando isso não

está previsto.

Nessa escrita, eu trago todo o encantamento que caminha comigo desde essa primeira memória, lá no sertão nordestino em Serra Talhada, Pernambuco, onde eu nasci e de onde eu saí com mais ou menos 4 anos de idade. Portanto, é uma lembrança de quando eu tinha aproximadamente essa idade e ainda balbuciava palavras, tentando dar nome às coisas.

Meu ofício na educação se dá a partir do meu ofício de artista e pesquisadora, em experiências palpáveis apoiadas no meu olhar sobre o que é bonito, precioso, estético e feliz, entendendo as crianças como a mim mesma, capazes de encontrar nessas situações de aprendizagem momentos de encantamento, ou algo que sinalize como é valioso aprender com curiosidade e com o corpo todo.

É a partir das minhas vivências e da minha identidade que esse caminho se faz e se une a outros caminhos e outras histórias que podem ser dos estudantes. Hoje eu sou Professora, artista, pesquisadora da imagem e das possibilidades de diversas leituras, interpretações e reflexões que uma mesma imagem pode suscitar em diferentes pessoas, sendo assim, em minha pesquisa eu crio imagens, seleciono, revisito, renomeio.

A partir do meu ofício, enquanto fotógrafa, trago para o ambiente da sala de aula processos de criação e leitura de imagem que possibilitem um envolvimento dos estudantes com o que está sendo experimentado e que, talvez, façam surgir algumas hipóteses capazes de estimular áreas criativas do cérebro, enriquecendo as atitudes comportamentais tanto em sala de aula quanto fora dela. Segundo Ana Mae Barbosa (2014), “flexibilidade, fluência, elaboração, todos estes processos mentais envolvidos na criatividade são mobilizados no ato de decodificação da obra de arte” (p.43).

Esse estudo considera a possibilidade de que, através do encontro, da entrega afetiva, da leitura e criação de imagens com estudantes do 5º ano do ensino fundamental, surja, em determinado momento do processo, algum encantamento que os impacte e coloque-os no lugar do espanto, funcionando como modificador do olhar sobre o “ao redor” e sobre a própria identidade dentro da cultura e do lugar em que estão inseridos. É possível que a partir dessas vivências os estudantes consigam guardar uma memória bonita desses encontros com arte, o que Jean Paul Sartre (2010) vai dizer que: “a emoção é uma certa maneira de apreender o mundo” (p. 57).

Minha observação no ambiente da educação, sobretudo nessa experiência do mestrado profissional, fez-me perceber que os estudantes, assim como muitos

adultos, têm utilizado cada vez mais alguns recursos tecnológicos como divertimento, na captação da própria imagem através da selfie e, conseqüentemente, têm feito uso de filtros que simulam outras realidades, brilhantes, com maquiagem e peles perfeitas. Embora possa ser divertido, essa utilização sem um olhar crítico, pode interferir no cotidiano de pessoas que ainda estão em formação, tornando-as eventualmente insatisfeitas com a própria imagem, o que, por consequência, pode acarretar disfunções de identidade, gerando transtornos de ordem física e/ou psicológica.

Quando me lembro da casa do meu avô, é a simplicidade dessa imagem que me emociona e a alegria genuína de estar entre os meus. Então me pergunto: será que os estudantes têm algo valioso que queiram compartilhar ou será possível criarmos algo assim? É possível discutir o porquê da necessidade de imagens tão perfeitas o tempo todo e refletir sobre como isso nos afeta?

É importante discutir quais sentimentos são disparados quando nos colocamos dentro de um sistema de filtros que simulam características físicas que não são as nossas e que faz com que todas as pessoas sejam idênticas, sem marcas de expressão ou cicatrizes, numa sociedade em que as diferenças físicas e sociais são enormes, o que configura talvez uma não aceitação da pessoa no seu lugar de existência ou um apagamento da mesma.

Pensando na questão da identidade, convidei Elidayana Alexandrino, artista visual, educadora, pesquisadora, curadora independente e moradora da cidade de Suzano, a fazer parte de um dos nossos encontros, o que enriqueceu muito esse processo, porque pudemos ver de perto seu trabalho “Narrativas que se encontram”, que está em exposição de 16/12/2023 a 18/03/2024, no Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo, e que ela trouxe, muito generosamente, para que os estudantes pudessem movimentar as imagens, elaborar hipóteses e refletir sobre os pares que se formam a partir da mediação da própria artista. Na sequência didática é possível ter uma descrição mais aprofundada desse encontro.

O objetivo geral dessa dissertação é refletir sobre a leitura e criação de imagens no ambiente de ensino formal e, como objetivos específicos, procurou-se: (a) entender como a criação e leitura de imagens autorais podem auxiliar no comportamento individual e de grupo dos estudantes; (b) descrever a possibilidade do encantamento na experiência do processo de elaboração de imagens, levando em conta a imaginação e a descoberta de cada um.

Baseada na observação de que imagens exercem poder sobre as massas,

formando um conjunto muitas vezes análogo e quase apagando a individualidade do sujeito, a mim interessa proporcionar experiências sensíveis em encontros que envolvam leitura e criação de imagem, observação, reflexões sobre cultura de massa, rodas de conversa, criação e exposição da arte de todos os envolvidos, ressignificando a individualidade dos participantes e tornando-os protagonistas conscientes da própria história.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro momento discorro sobre o meu encontro com a práxis poética durante a vida e apresento algumas pesquisas e criações no campo da imagem; em seguida abordo o poder das imagens através da leitura de fotografias; logo após apresento uma sequência didática acerca das experiências vividas em sala de aula e em seguida faço minhas considerações finais. Apresento ainda, as referências e um anexo que contém um passo a passo da construção de uma câmera pinhole.

2 MEU ENCONTRO COM A PRÁXIS POÉTICA

O retrato

*Eu quero a fotografia,
os olhos cheios d'água sob as lentes,
caminhando de terno e gravata,
o braço dado com a filha.
Eu quero a cada vez olhar e dizer:
estava chorando. E chorar.
Eu quero a dor do homem na festa de casamento,
seu passo guardado, quando pensou:
a vida é amarga e doce?
Eu quero o que ele viu e aceitou corajoso,
os olhos cheios d'água sob as lentes.*

Adélia Prado (1979, p.125)

Gosto de pensar que meu encontro com a práxis poética se deu ainda na infância quando, em volta da minha mãe, eu e meus dois irmãos na época, observávamos ela fazendo biscoitos de polvilho em forma de letras, ela fritava os biscoitos e nos dava, mas, antes de recebê-los, tínhamos que dizer qual letra era aquela, só então ela nos estendia o prêmio delicioso. Essa é com certeza a lembrança mais doce e bonita que carrego comigo do período em que fui iniciada na leitura, e que por acaso se iniciou com meu nome, sendo assim tenho a convicção de que aprender, ensinar, criar algo ou ter uma experiência deve ter este gosto, da descoberta, do encantamento e da experiência com o corpo todo e com tudo que somos.

Essas imagens eu trago no meu cerne, fruto da experiência vivida, sinto a delicadeza das mãos de minha mãe na altura da minha cabeça, o amor que havia nesse ritual familiar, a esse respeito Baitello Junior (2017) diz que a imagem tem poder sobre alguém a partir do momento em que “[...] ela traz em seu bojo uma “fórmula de páthos”, palavra grega que quer dizer “paixão”, “sofrimento” (p. 85).

Revisitar um lugar de afetos, seja através da memória ou da fotografia, é rememorar com o corpo as situações vividas, e sentir essa paixão novamente, como se a imagem fosse esse “outro” que me falta, ou essa idéia do outro, mesmo que seja uma imagem minha, essa que um dia eu fui, como afirma Baitello Junior (2017):

Esse é um ponto central a ser compreendido na relação do corpo com a imagem. De alguma maneira, aqui se colocam corpo e imagem em uma relação de oposição. Quer dizer, o corpo se coloca contra a imagem e a imagem se coloca contra o corpo. Ao mesmo tempo, um se espelha no outro, desejando-o este é um grande tema contemporâneo: a imagem é o outro corpo (p.91).

Quando comecei a frequentar a escola eu acordava muito cedo, minha mãe preparava o café e ouviamos o Zé Bértio, um radialista que dizia a hora de instante em instante, assim a gente não se atrasava. Eu ficava atenta à trilha sonora daquele programa imaginando as coisas em detalhes, tinha um momento em que ele jogava água pra acordar alguém, eu ria daquilo porque fazia o barulho da água caindo, e eu imaginava: quem será que tomou esse banho logo cedo? Assim, o rádio foi um dos grandes presentes para minha imaginação, antes que eu conhecesse os livros.

Depois do café ir à escola era como viajar. Eu gostava de me equilibrar no meio fio das calçadas, acho que essa era uma experiência particular até chegar no colégio. Quando eu olho para a criança que fui, e em seguida me observo, eu encontro o mesmo espírito admirado, e penso: que bom.

Minha primeira professora se chamava Anako, tinha os olhos amendoados e cabelos compridos e negros, ela foi meu primeiro grande afeto de ordem não familiar.

Voltando a falar da minha casa, tinha dois quartos em um quintal com mais duas casas. Nós éramos bem pobres, mas um dia meu pai comprou uma vitrola, era um móvel enorme de madeira e nela ouvíamos discos de Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga, eu amava aquelas músicas, e assim, a arte foi tomando conta de mim, sem que eu me desse conta, porque ela estava o tempo todo lá.

Lembro do banho de chuva no quintal com meus irmãos e de quando faltava luz e brincávamos de esconde-esconde. Às vezes eu passava férias na casa de uma prima, a Luci, e lá brincava de fazer panelinhas de barro, porque pertinho da casa dela tinha uma terra engraçada e que fazia panelinhas bem bonitas, anos depois eu soube o nome daquela terra macia: argila.

Dando um salto no tempo, aos vinte e quatro anos eu dei à luz minha filha Elis. Durante muito tempo eu senti uma saudade que eu não sabia de quem era, quando ela nasceu nunca mais eu tive saudade, era como se eu estivesse esperando literalmente por ela. Consciente ou inconscientemente, eu queria guardar aquela pessoa pequena e tudo que ela representava, então comprei minha primeira câmera 35mm, uma Zenith, marca russa, na expectativa de captar a chegada e o crescimento da pequenina.

Figura 2 - Minha primeira câmera fotográfica



Fonte: Cassia G Lima (2024)

Meu amor pela fotografia talvez tenha acontecido pelo fato de que eu supunha que, através das imagens, poderia reviver os momentos com Elis se sujando de comida, bagunçando as gavetas, sorrindo, brincando nesse tempo lindo que é a infância, num encantamento que se sucedia cotidianamente.

É deste encantamento que eu entendo que a imagem é feita, deste reencontro com a memória, um reencontro tão perfeito capaz de fazer sorrir um coração de mãe trinta anos depois. Hoje, olhando as fotografias, eu sei exatamente como foram feitas, e meu corpo todo transborda diante da crônica visual elencada por mim, até a idade em que ela começou a se irritar com o fato de eu querer sempre fotografá-la e os registros se tornaram cada vez mais raros. Susan Sontag (2004, p. 19) afirma que “por meio de fotos, cada família constrói uma crônica visual de si mesma – um conjunto portátil de imagens que dá testemunho da sua coesão”, é assim que eu, através das imagens, conto histórias.

Figura 3 - Gabriel e Elis

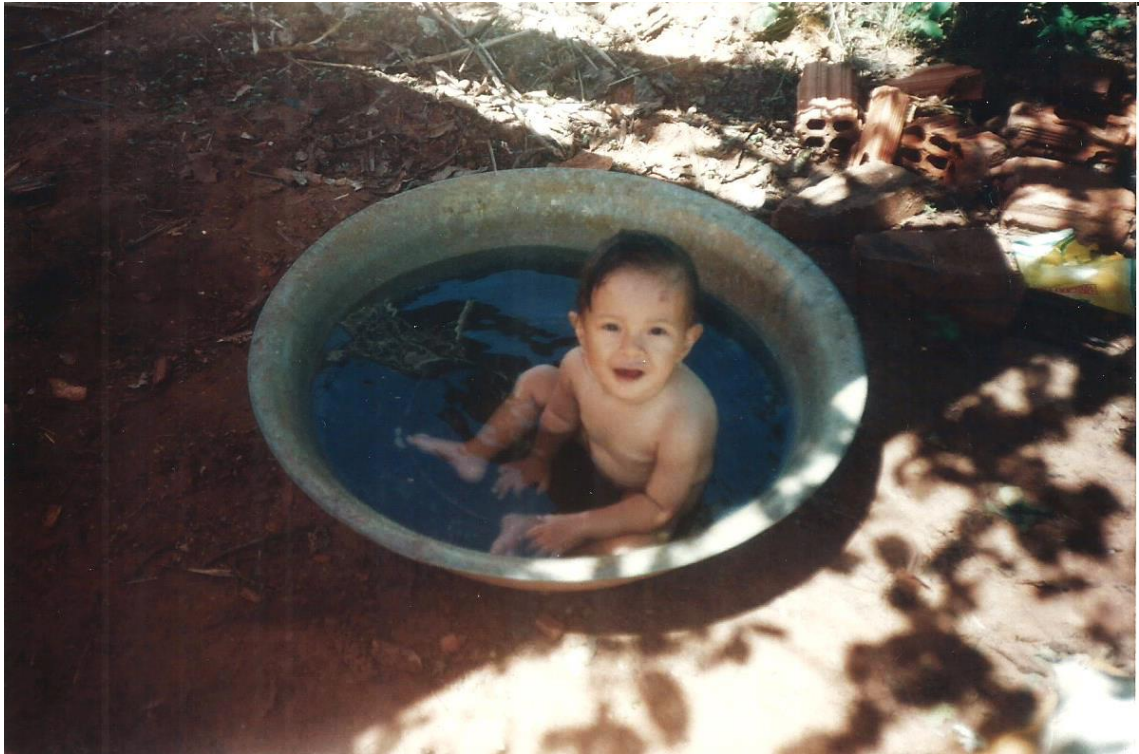


Fonte: Autora (1995)

Para minha filha Elis.

*Quando você nasceu provavelmente já era meu maior amor...
Eu ainda não sabia de como você iria tomar conta dos meus dias.
Não sabia do teu riso infantil invadindo a minha vida,
Nem da tua solidão adolescente me tirando o sono.
Mas eu sabia, ah! Eu sabia dos teus olhos de amor e medo
Das tuas pequenas mãos que persistem até hoje em se fazer pequenas.
Eu sabia da grandiosidade da tua luta para nascer, e para viver...
Eu sabia da tua genialidade com as palavras quando você engolia os livros na sede de saber mais...
Eu sempre soube que você seria grande,
Mas eu não imaginei que você seria imensa como a noite e suas estrelas.
Eu te amo desde todos os tempos e até todos os tempos.
Gratidão por você existir.*

Figura 4 - Elis na bacia



Fonte: Autora (1995)

Figura 5 - Elis no tanque



Fonte: Autora (1995)

2.1 Enquanto as coisas fermentam, caminho que se faz

No ano de 2007, a convite de uma amiga, fui participar de uma oficina de fotografia na Oficina Cultural Oswald de Andrade, que fica no bairro da Luz em São Paulo, ministrada pelo artista visual Sinval Garcia (1966 – 2011), que veio a se tornar um grande amigo e incentivador do meu processo de pesquisa na fotografia. Nesse ano, participei da minha primeira exposição fotográfica, intitulada “Um Certo Olhar”, que contava com fotografias resultantes da oficina e que ia desde retratos feitos nas ruas em volta do prédio da Oswald, até cenas finamente elaboradas.

No mesmo ano Garcia fundou o Grupo UMCERTOOLHAR de fotografia, que era composto por umas doze pessoas interessadas em discussões sobre imagem. Nós nos reuníamos uma vez por mês para a leitura e o estudo de algum texto relativo à imagem e para discutir projetos. Além disso, ministrávamos oficinas de fotografia e também organizávamos saídas fotográficas com pessoas do grupo e de fora dele, que tinham interesse em fotografar, independente do fato de serem profissionais ou não, em seguida fazíamos uma exposição com os trabalhos resultantes das jornadas.

Em 2009, participei de uma exposição em que me apropriei de retratos da minha família e organizei uma instalação que simulava uma sala de estar, com o título “Reflexões” a proposta trazia conceitos de tempo, memória e afeto.

Do poema “Retrato”, de Cecília Meireles, nasceu a vontade de falar sobre o tempo. Fotografias, papéis carregados de signos da minha família, olhares tantos, dos fotógrafos, dos fotografados, dos observadores: não vimos o tempo chegar e quando nos demos conta lá estavam gerações de um mesmo sonho, o de nos eternizar através do outro.

O ser humano, em sua finitude, tem por vezes buscado o eterno e o imutável, tentando, talvez, um endeusamento de si mesmo. Assim, o registro fotográfico traz de alguma forma a possibilidade desse infinito, e é justamente com a família que iniciamos essa busca, como se fosse possível captar algo além da carne que emprestamos ao espírito.

No centro da instalação/sala, um espelho convidava o observador a fazer parte da realidade momentânea, com a afirmação: “eu não tinha este rosto”, lembrando a transitoriedade do retrato que, em segundos, não é mais o que era ou talvez nunca tenha sido o que vemos. Ao mesmo tempo em que confronta, quem se observa no espelho lança uma metáfora do próprio ser, da pessoa que reflete, espelho e espelho

se confrontando. Diferente do papel, no espelho, as imagens passeiam, mas não se fixam. Segundo Vilém Flusser (1998, p. 69):

O espelho é um ser em oposição, e é como tal que funciona. É um ser que assumiu uma posição que é oposição: uma posição negativa. É um ser que nega. É por isso que reflete. Não permite que aquilo que sobre ele incide passe por ele. Refletir é negar, isso é sua estrutura. Não pode haver uma reflexão positiva. As respostas que o espelho articula são todas negativas.

Reflexões é um nome que brinca de formular pensamentos, de devolver ao homem o que lhe é familiar, de grandes movimentos em busca do tempo que corre dentro do ser, do mistério das pessoas retratadas ou mesmo da pessoa que se olha no espelho durante a exposição.

Figura 6 - Convite da exposição Transitar



Fonte: Autora (2009)

Retrato

*Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.*

*Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face?*

Cecília Meireles

Figura 7 - Ambiente da instalação Reflexões



Fonte: Autora (2009)

Em 23 de novembro de 2009, dei à luz meu segundo filho: Arthur. Recebeu esse nome por causa da minha paixão pela história do Rei Arthur, especificamente no clássico *As Brumas de Avalon*, da escritora Norte Americana Marion Zimmer Bradley.

Figura 8 - Arthur em sua primeira semana de vida



Fonte: Autora (2009)

Arthur

*Quando você dorme silenciam-se as guerras
E uma paz pequenina pousa suas grandes asas no universo em descanso.
Eu te amo.*

Xicâ G Lima

Em 2010, o Grupo UMCERTOOLHAR foi selecionado pelo prêmio Diário de Fotografia Contemporânea do Pará, que tinha como tema “Brasil Brasis”. Nosso trabalho “Virado a Paulista” integra o catálogo do prêmio e traz uma centena de fotografias feitas em São Paulo, com a mesma configuração: vertical e de corpo inteiro. Esse trabalho foi realizado durante quatro domingos em que íamos a algum lugar no centro da cidade e abordávamos as pessoas que passavam, pedindo para fazer uma foto, sempre explicando que era um trabalho de pesquisa fotográfica sobre as pessoas e suas roupas de domingo. O resultado foi uma mistura rica de personagens diversos e coloridos, além de encontros dos mais incríveis com essas pessoas e suas histórias, que ouvíamos atentamente durante os encontros.

Figura 9 - Mural do trabalho Virado a Paulista



Fonte: Autora (2010)

Para a exposição, as fotos foram impressas em papel comum e coladas na parede da exposição, como os cartazes de rua são colados, com a técnica de lambe-lambe. Vistas de longe, as imagens criam quase uma unicidade e não conseguimos distinguir se são pessoas diferentes ou a mesma pessoa, porém ao nos aproximarmos, convidados pela curiosidade de desvendar esse quadro gigantesco, nos deparamos com a individualidade e a autenticidade das pessoas que se colocaram em pose e que fazem do Brasil esse caldeirão de culturas.

Figura 10 - Detalhe do mural do trabalho Virado a Paulista



Fonte: Autora (2010)

Em 2011, fui a Belém do Pará fotografar o Círio de Nazaré. O mar, o mercado Ver o Peso, os amigos que fiz em Belém, Socorro, Irene, Joyce, Emidio, Marco, quanta gente linda! As ruas cheias de gente e a Senhora de Nazaré invadiram meu ser.

Não há palavra que descreva o Círio, talvez as imagens captadas consigam documentar, de alguma forma, a minha presença no turbilhão de acontecimentos que fazem parte desta procissão, ao mesmo tempo em que apontam a presença dos retratados, nessa fusão entre o que é minha memória e o que é recordação do outro, como nos aponta Novaes (2005) sobre o que são imagens: “Espelho não apenas do

que fotografamos, mas de toda a realidade social que engloba aquele que seleciona, através da objetiva, a cena a ser registrada” (p. 111).

Nas imagens, eu trago um pouco desse lugar de fé, afeto, história e memória. Embora seja uma procissão católica, pessoas de todas as religiões costumam acompanhar o cortejo para pagar promessas ou agradecer por alguma graça alcançada.

Semelhante ao Natal, as famílias fazem o almoço do Círio, pessoas se encontram pra comemorar e as ruas recebem adornos num ritual festivo.

A procissão consiste em levar a imagem original de Nossa Senhora de Nazaré, da Basílica até a Praça Santuário de Nazaré, muitas vezes no calor de quase 40 graus, os romeiros seguem de joelhos o mesmo trajeto da Santa, e eu me pergunto: de onde vem essa força?

Um dos elementos importantes da procissão é a corda do Círio, muito disputada pelos peregrinos, medindo 400 metros de comprimento, é confeccionada em sisal e pesa em média 700 quilos. Ao final da romaria, os devotos cortam a corda que se torna um amuleto de proteção e bençãos, muitas vezes, no entanto, a corda é cortada antes do final do trajeto.

Feitas estas breves considerações de ternura e afeto, apresento-lhes alguns fragmentos dessa que é sem dúvida alguma, uma das maiores manifestações religiosas do Brasil e do mundo e, se as palavras não dão conta de a descrever, talvez as imagens o façam, ou tentem. Como afirma Flusser a respeito de imagens feitas por aparelhos, no caso da câmera fotográfica (2018, p.21), “trata-se de imagem produzida por aparelhos. Aparelhos são produtos da técnica, que, por sua vez, é texto científico aplicado”.

Foi nesse Círio que Sinval Garcia, meu amigo, artista e incentivador partiu daqui, deixando saudade e a marca da sua existência na minha e na de tantas outras pessoas. Sempre penso que ele deve estar orgulhoso de mim, de onde estiver, e sou grata por termos nos encontrado no mesmo espaço tempo. Este texto também é para ele.

As fotografias estão elencadas desde o início da procissão, com a vinda dos primeiros romeiros, por volta das cinco horas da manhã, até a chegada da Santa à Praça Santuário de Nazaré.

Figura 11 - Homem inicia, de joelhos, a procissão do Círio de Nazaré



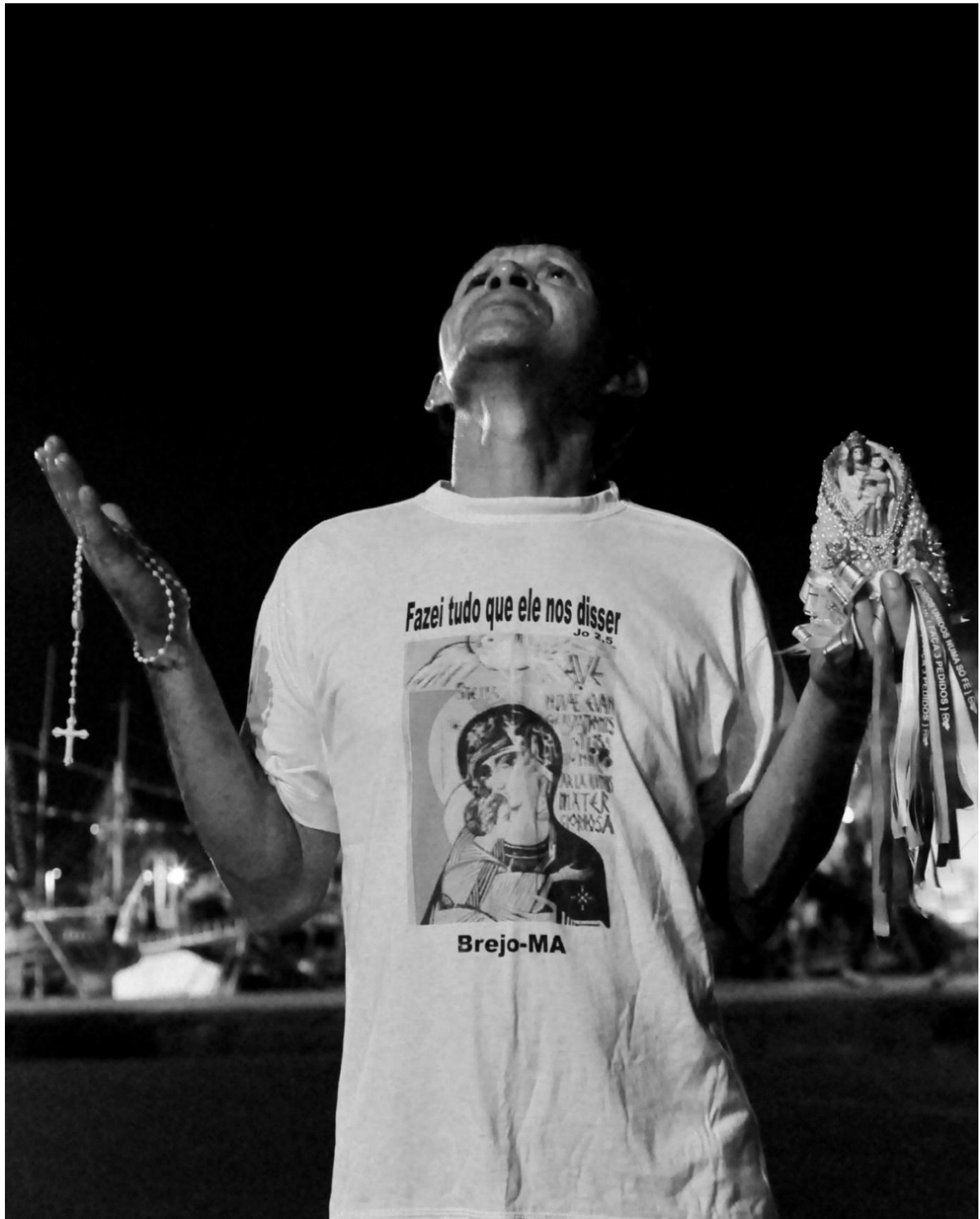
Fonte: Autora (2011)

Figura 12 - Passagem da imagem de Nossa Senhora de Nazaré



Fonte: Autora (2011)

Figura 13 - Homem faz uma prece de braços abertos olhando para o céu



Fonte: Autora (2011)

Figura 14 - Homens carregam a corda do Círio de Nazaré



Fonte: Autora (2011)

Figura 15 - Homens do exército fazem um cordão de segurança



Fonte: Autora (2011)

Figura 16 - Romeiros fazem uma prece com as mãos erquidas em direção ao céu



Fonte: Autora (2011)

Figura 17 - Romeiros caminham descalços segurando a corda do Círio de Nazaré



Fonte: Autora (2011)

Figura 18 - Mulher é amparada durante a procissão



Fonte: Autora (2011)

Figura 19 - A imagem de Nossa Senhora de Nazaré chega à Basílica Santuário



Fonte: Autora (2011)

Retiradas as cores o que resta são as minhas impressões dessa catarse,

recorte poético e ideal do que vivi enquanto estive no Círio. Sobre a fotografia em preto e branco, Flusser (2018, p.52) afirma que:

Não pode haver, no mundo lá fora, cenas em preto e branco. Isso porque o preto e o branco são situações “ideais”, situações-limite. O branco é a presença total de todas as vibrações luminosas; o preto é a ausência total. O preto e o branco são conceitos que fazem parte de uma determinada teoria da óptica. De maneira que cenas em preto e branco não existem. Mas fotografia em preto e branco, estas sim, existem.

Figura 20 - O artista Sinval Garcia (14/04/1966 + 15/10/2011)



Fonte: Autora (2010)

*Um dia eu abri minhas janelas...era só chuva que caía
 Uma chuva fina, silenciosa, que calou na terra junto comigo
 Dentro de mim um anjo dormiu
 E eu disse: “dorme anjo querido, meu filho, meu amor, meu amigo mais perfeito...”
 As coisas na sua finitude... o tempo que é tão gatuno
 Como enganar tudo isso e fazer você ficar. Eu não sei.
 Eu nunca soube todas as respostas, um pouco lesa como você dizia
 Como deixar que você vá assim
 Sem abraço...
 Posto minhas mãos cansadas em oração, mas a chuva que há em mim não deixa que eu reze
 O mar deságua, meu corpo dói...
 Obrigada meu anjo, por todas as vezes que dividiu comigo seu tempo tão precioso
 Obrigada por ter cuidado de mim quando eu precisei
 Obrigada por ter sido sempre tão discreto quando eu era totalmente indiscreta com você
 Dorme meu anjo querido
 Vou rezar por todos nós
 Existem outras coisas pra fazer e você foi cuidar de tudo como sempre.
 Em sua última reunião vieram quase todos os que te amavam
 Você sempre foi bom em reunir pessoas
 Seus amigos queridos de Belém trouxeram carinho e amor
 Os daqui também*

*Seus alunos, sua família, sua mãe tão pequena e seu pai tão calado...
 Há aqueles que não puderam vir pra reunião, tenho certeza de que você ficou bravo,
 Sempre brigou comigo quando eu não podia vir...
 Aqui todos te amam muito e torcem para que você fique bem.
 Hoje meu filho, que não tem nem dois anos me disse: "não fica tiste mamãe."
 Vou tentar não ficar.
 Dorme meu anjo, e obrigada por ter estado conosco.
 Que Deus esteja contigo.*

*Xicâ G lima
 16/10/2011*

Após a viagem a Belém, o mergulho no sagrado e nesse mistério arrebatador (não há outra palavra) que é a procissão do Círo de Nazaré, retomei um projeto iniciado em 2008, que fala muito da minha percepção do mundo e do meu encantamento sobre o dia a dia, do qual meus olhos são testemunhas, nomeei essa série de "Cibele's".

Explico: na mitologia grega Cibele ou Reia foi esposa de Saturno, conhecida como a Grande Mãe, ou Mãe dos Deuses, filha do céu e da terra, ao nascer foi colocada numa floresta junto aos animais ferozes que a alimentaram e cuidaram dela. Deusa da fertilidade e da natureza, apaixonou-se por um mortal de nome Attis, que prometeu manter-se casto, porém Attis se enamorou de outra mortal e Cibele enciumada tirou a vida da mulher. Em seguida, em um ato desesperado, Attis teria morrido ao castrar-se, Cibele, então, movida pela paixão e dor, o trouxe a vida novamente em forma de um pinheiro. Adorada por vários povos, a lenda e os símbolos sobre Cibele mudam de acordo com a região, o clima e a cultura em que era venerada.

Em virtude desse mito, meu olhar sobre a natureza e a abstração amorosa que se seguiu deram vida a uma série de fotografias feitas a partir do meu caminhar, uma coleção de elementos da natureza que servem de ponte entre a minha realidade interna e a externa, em um diálogo silencioso em que eu sou ao mesmo tempo a que ouve e a que fala. Como Janie Rhyne (2000, p. 43) aponta:

Percebi que estava fazendo isso também – usando o material artístico como uma ponte entre as realidades interna e externa, estimulando as pessoas a criarem suas próprias formas de arte visual e usá-las como mensagens que enviavam a si próprias. Tornadas visíveis, as mensagens podem ser percebidas por seus criadores.

Em seguida, apresento algumas imagens desta série que tem sua vida marcada pela história de quem a observa, como um fetiche, uma paixão, um acontecimento ou sintoma, como nos aponta Didi Huberman (2018, p. 47):

Saber olhar uma imagem seria, de certo modo, tornar-se capaz de discernir onde ela queima, onde sua eventual beleza reserva o lugar de um signo

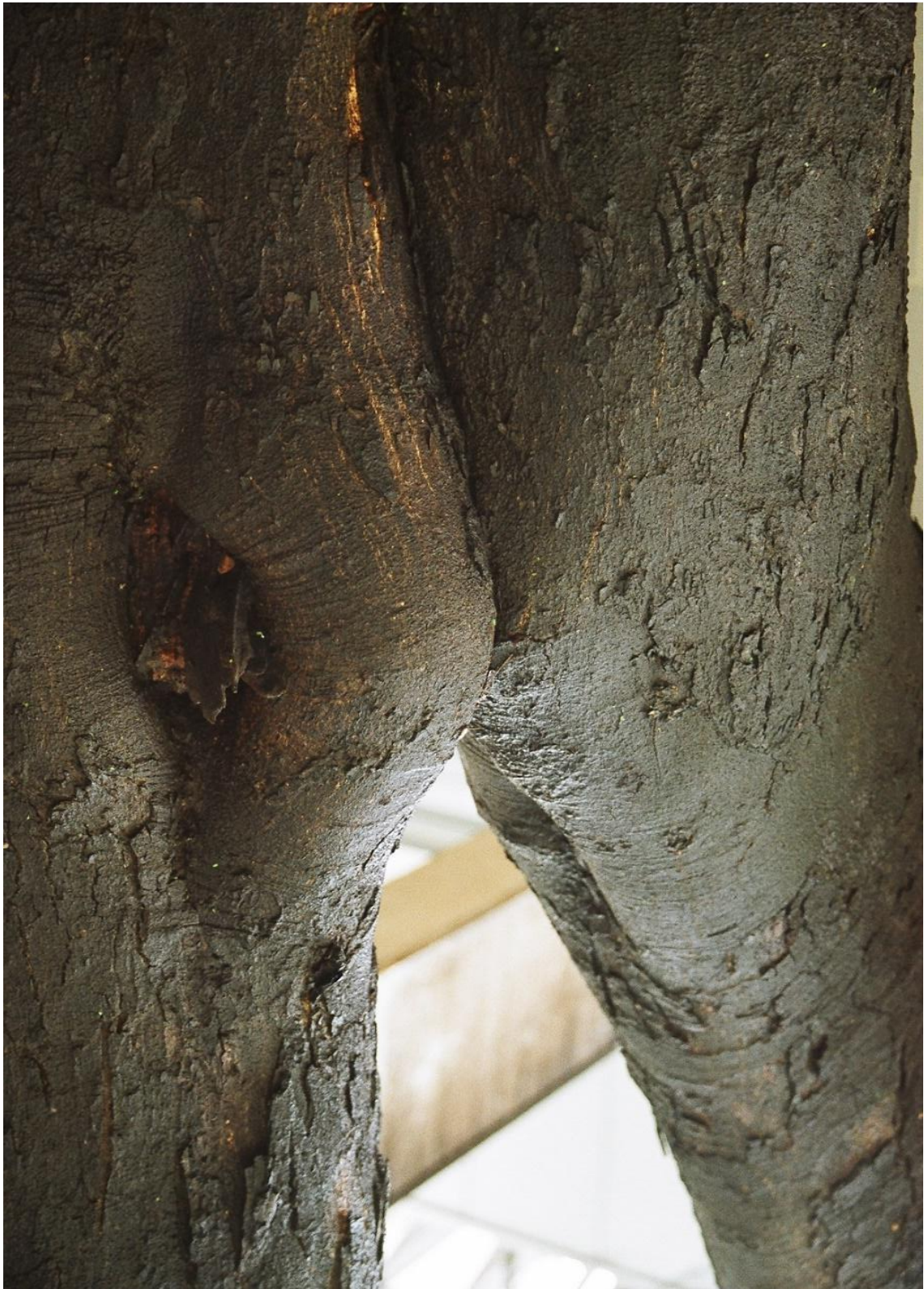
secreto, de uma crise inquieta, de um sintoma.

Figura 21 - Cibeles



Fonte: Autora (2009)

Figura 22 - Átis



Fonte: Autora (2008)

Figura 23 - Cibeles



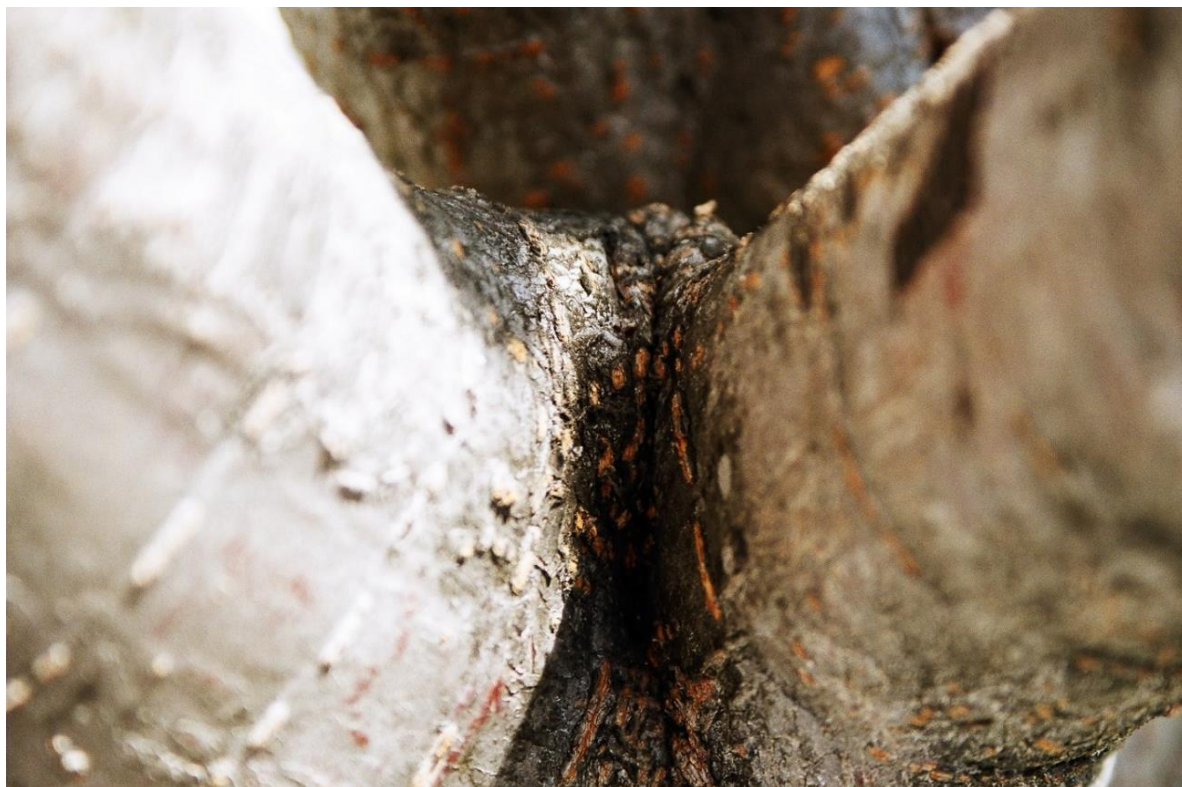
Fonte: Autora (2010)

Figura 24 - Baco



Fonte: Autora (2009)

Figura 25 - Cibeles



Fonte: Autora (2008)

No ano de 2012, fui convidada pelo SESC Osasco, a ministrar uma oficina de fotografia Pinhole, que consiste na construção de uma pequena câmera analógica utilizando uma caixa de fósforos vazia e um filme 35mm, além de outros materiais.

Essa oficina foi realizada com as crianças do projeto Curumin, que é uma ação permanente de educação não formal e atende crianças de 07 a 12 anos. Nesse trabalho fui auxiliada por Celina Costachuck, fotógrafa, amiga e companheira do GRUPOUMCERTOOLHAR, além das educadoras que eram responsáveis pelas turmas: Camila Rosa e Manuela Sousa.

A experiência constituiu-se da criação individual de uma câmera fotográfica analógica. Cada criança recebeu um kit com os materiais necessários para montar a câmera e iam fazendo passo a passo. Esse processo durou uns dois encontros se eu não estiver enganada pela memória. Foi explicado que estávamos criando uma câmera fotográfica, que não conseguiríamos ver as imagens como nas câmeras digitais e que, depois, eu iria levar os filmes para serem revelados em uma loja e demoraria alguns dias para ficar pronto. Também expliquei que poderiam sair mais de 20 fotografias ou nenhuma e que não se frustrassem, porque era assim que acontecia antes do surgimento das cameras digitais. Então, depois de prontas, fizemos uma

jornada fotográfica dentro das instalações do próprio SESC Osasco.

Durante a jornada, eu e as educadoras íamos orientando sobre não mexer na câmera para evitar borrões, apoiar a câmera num local firme como o muro, o chão, sentar e apoiar na perna, apoiar no ombro do amigo, e que cada um imaginasse que imagem seria aquela, porque não dava pra ver na hora. Foi muito divertida essa jornada, cada filme tinha 36 poses e eles levaram um bom tempo fotografando. Depois, recolhemos as câmeras e levei os filmes para digitalizar.

Digitalizados os filmes, eu selecionei duas fotografias de cada criança e fiz um tratamento com contraste, alguns filmes saíram apenas borrões e eu utilizei mesmo assim, para que nenhuma criança ficasse sem seu resultado.

Levei as fotografias para que todos vissem juntos por meio de uma projeção, e eu ia dizendo o nome da pessoa que tinha feito a fotografia, alguns gritavam antes: eu que fiz essa!!! E foi uma elforia, as crianças das fotos “borrões” se decepcionaram, e eu prontamente expliquei o que poderia ter acontecido: mexeu a câmera talvez, lembram que eu disse que era difícil? Mesmo assim olha só que cores lindas vocês conseguiram, parece uma pintura! Então se faziam felizes novamente e me explicavam o que poderia ter acontecido.

Cada criança escolheu uma fotografia para ser impressa em tamanho 20x25, depois, criamos um passpatour, que é uma moldura para a fotografia que seria exposta. Eu trouxe as fotografias impressas e cada um colou a sua no passpatour que havia confeccionado, fizemos um foto varal instalado no espaço da reunião de mães e pais daquele ano. A seguir, um pouquinho do que foi essa oficina.

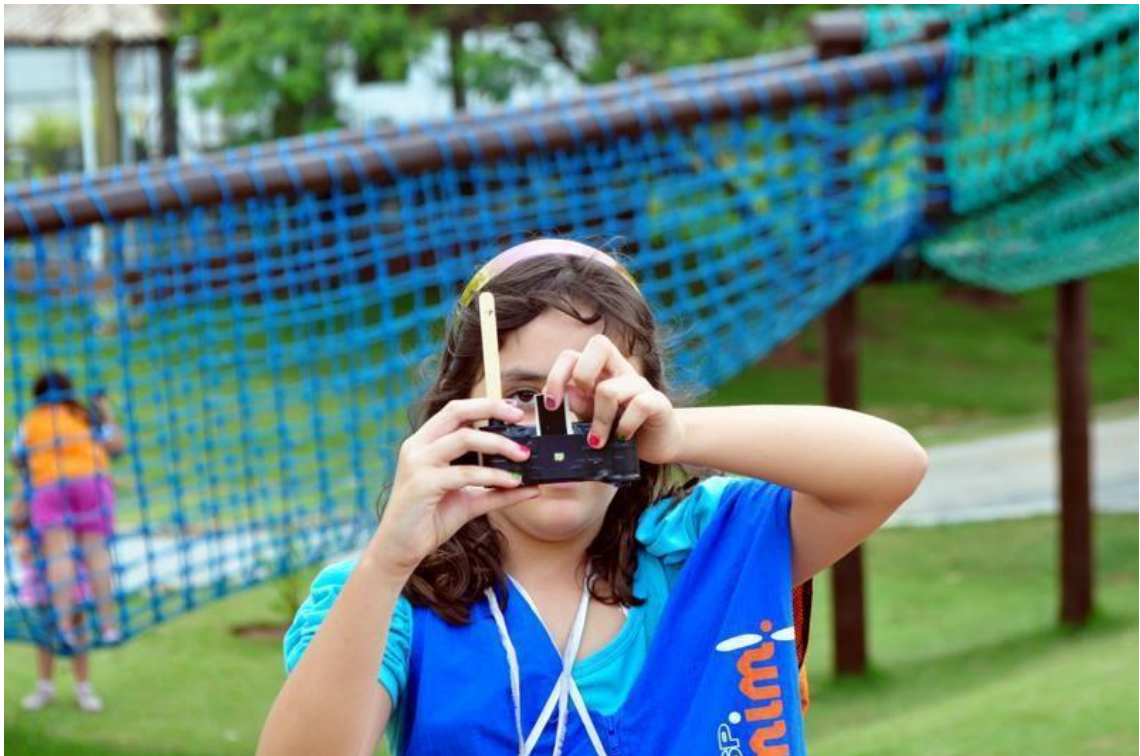
Para saber mais sobre este processo, os materiais para a construção da câmera Pinhole e o passo a passo estão contidos no **Anexo A**.

Figura 26 - Detalhe da construção da câmera pinhole



Fonte: Autora (2012)

Figura 27 - Criança fotografando com a câmera pinhole



Fonte: Autora (2012)

Figura 28 - Criança fotografando com a câmera pinhole



Fonte: Autora (2012)

Figura 29 - Fotografia pinhole de Andre Teixeira



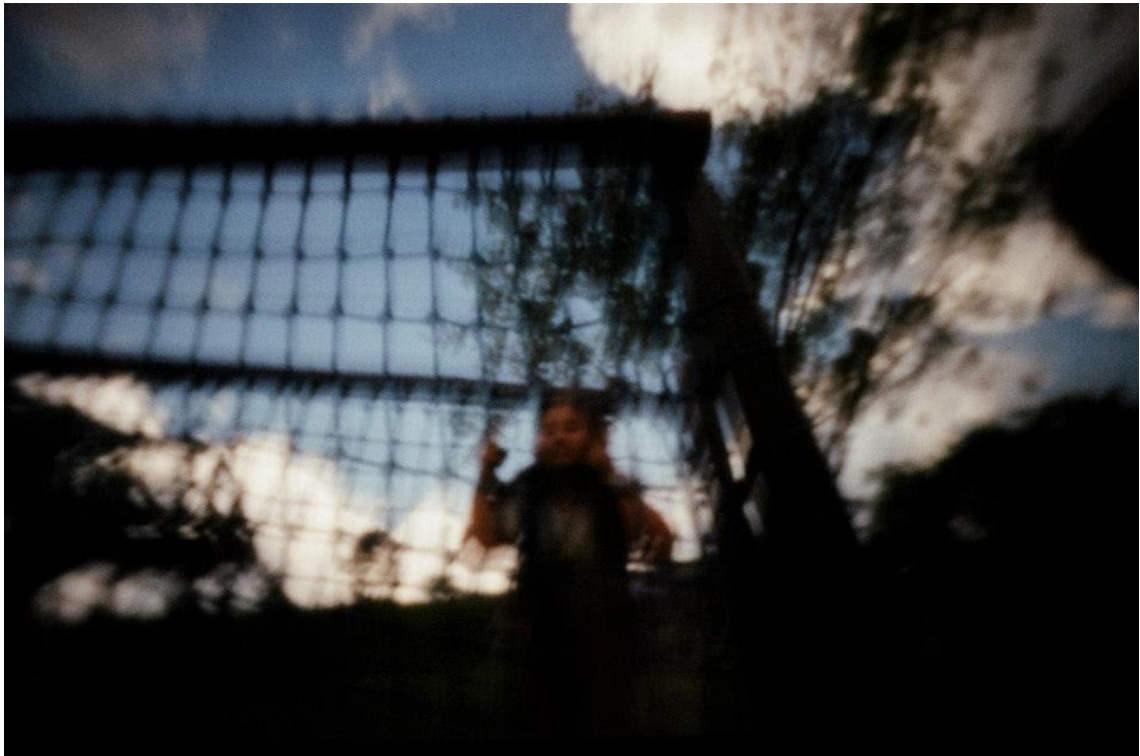
Fonte: Autora (2012)

Figura 30 - Fotografia pinhole de Arthur Decanini



Fonte: Autora (2012)

Figura 31 - Fotografia pinhole de Duda



Fonte: Autora (2012)

Figura 32 - Fotografia pinhole de João Ozório



Fonte: Autora (2012)

Figura 33 - Fotografia pinhole de João Pedro Alboledo



Fonte: Autora (2012)

Figura 34 - Fotografia pinhole de Marcela



Fonte: Autora (2012)

Figura 35 - Exposição das fotografias pinhole, feitas por crianças de 07 a 12 anos, do programa Curumin do SESC Osasco



Fonte: Autora (2012)

Em 2013, aos 43 anos, ingressei no curso de Licenciatura plena em Artes Visuais, da Universidade Cruzeiro do Sul, em São Miguel Paulista. Meu primeiro desafio foi pleitear uma bolsa de estudos para estudantes de baixa renda, visto que me encontrava nesta condição (sem emprego, separada, com dois filhos e na dependência de familiares), consegui. Depois, iniciei os estágios, eu estava novamente em sala de aula e lembrei da professora Anako.

Meu projeto de conclusão do curso teve como figura central a noiva que usa seu Hijab (véu). A partir de uma pesquisa sobre encenação fotográfica, foram produzidos treze registros dirigidos, nos quais foi levantada a hipótese da figura da noiva como metáfora cerimonial, dentro de uma perspectiva da imagem e suas potencialidades.

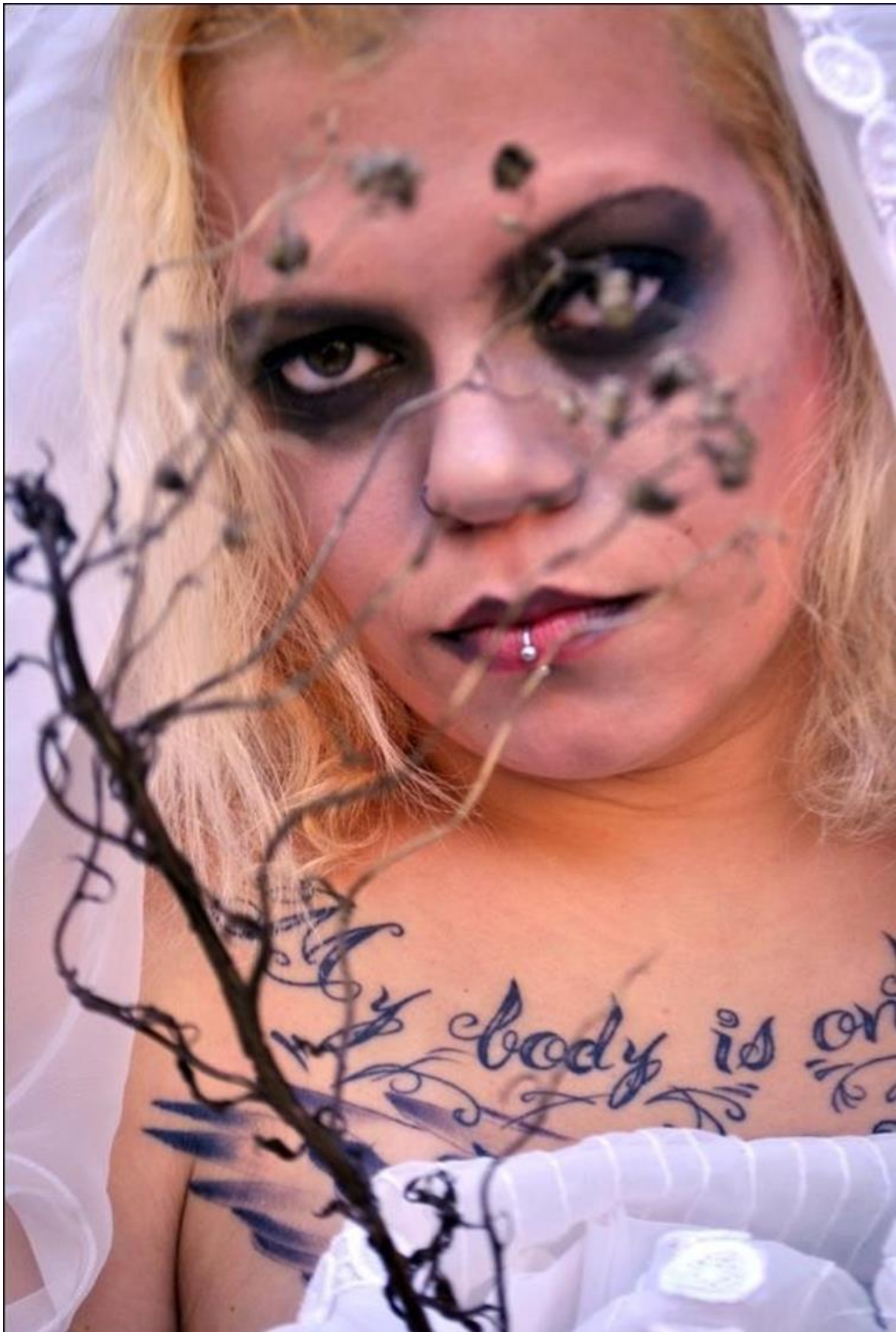
As fotografias foram realizadas na cidade de Paranapiacaba, localizada na região sudeste do município de Santo André, no limite entre o Planalto Paulista e a Serra do Mar, integrante da região metropolitana de São Paulo, culturalmente rica e considerada por muitos habitantes mística. Seguem alguns registros desta série que tem como título “Hijab”.

Figura 36 - A senhora



Fonte: Autora (2013)

Figura 37 - Eu sou a névoa, o silêncio e a guerra



Fonte: Autora (2013)

Figura 38 - Entre os musgos que abraçam o muro, a geometria que teimosa se afirma



Fonte: Autora (2013)

Figura 39 - HIJAB (Véu)



Fonte: Autora (2013)

No ano seguinte, atuei no setor educativo na 31ª Bienal de São Paulo (2014), o que ampliou meu olhar sobre a mediação educativa em Arte, possibilitando outras formas de utilizar a didática nas minhas aulas por meio de práticas que provocam a reflexão sobre as obras e seus artistas, também fez surgir muitas idéias dentro de mim a respeito do meu trabalho de criação artística.

Em 2015, participei do concurso público da Prefeitura de Suzano e fui aprovada para o cargo de professora de Arte, desde então, ministro aulas para estudantes do ensino fundamental I, utilizando como referência a abordagem Triangular da professora Ana Mae Barbosa e as minhas experiências enquanto mulher/artista, acreditando que o encantamento se dá na experiência do contato mais aproximado com nosso objeto de estudo e no encontro com o outro.

Continuo realizando pesquisas sobre imagens, participando e organizando exposições, e com o passar do tempo fica evidente que a Arte está intimamente ligada a minha história de vida, fazendo parte importante das minhas memórias afetivas.

Passado algum tempo, em 2020 escrevi um projeto para acessar o Mestrado Profissional na UNESP, o PROFARTE, o projeto foi aprovado, porém, na arguição eu não tive sucesso, o que me deixou muito triste, mas não inerte. Senti que faltava

embasamento teórico para aprofundar minhas idéias, então, em 2021 em plena pandemia, me matriculei na pós-graduação lato sensu no Centro Universitário Belas Artes, em São Paulo, no curso de Fotografia, Reflexões e Práticas Contemporâneas. Durante os estudos eu pude ler alguns teóricos da imagem, e a partir disso elaborava os trabalhos que foram apresentados aos respectivos professores. Esse foi um tempo de extrema importância para meu crescimento enquanto artista. Meu trabalho de conclusão foi realizado sob a orientação da Prof^a M^a Rosa Matilde Pimpão Carlos, a quem sou extremamente grata pelo carinho e parceria.

A seguir apresento algumas imagens desse trabalho que se deu a partir da criação de câmaras escuras em algumas casas de meus familiares, trazendo reflexões sobre os lugares de afeto, a casa, a arquitetura da cidade e o encantamento possível de ser vivenciado a partir de uma experiência estética.

Figura 40 - Deixa-me ser transporte de um vinho que não é de frutas



Fonte: Autora (2021)

Figura 41 - Quantos livros te disseram que o silêncio é amor?



Fonte: Autora (2021)

Figura 42 - Eu sou o barro que inunda as casas em tempo de ventania...



Fonte: Autora (2021)

Figura 43 - Que a vida nos seja leve, como o sopro divino que nos lançou neste lugar...



Fonte: Autora (2021)

Figura 44 - Minha sobrinha disse: tia me ensina um sonho



Fonte: Autora (2021)

Em 2022, refletindo sobre minhas andanças nos meus lugares de afeto e folheando um álbum de família da minha mãe, comecei a digitalizar algumas imagens de mulheres da minha família e a gravar pequenos áudios com minha mãe, de 85 anos, contando memórias dela e cantando, assim nasceu o trabalho “Sopro – a fantasia também é co-criadora da memória”. Nesse trabalho, eu sobreponho imagens de mulheres da minha família, trazendo uma metáfora sobre o que é a memória, e reconhecendo a poética da dissertação imagética da família. Além das imagens impressas, eu também confeccionei três véus de tamanho 3m x 1,5m em voil, nesses véus estamos: eu, minha mãe Maria e minha bisavó paterna Antonia, três mulheres que se atravessam no tempo.

Eu não lembro dessa bisavó, nem da minha mãe enquanto jovem, muito menos de mim quando ainda era um bebê, mas ao olhar as fotografias eu consigo acessar alguma emoção que me faz sentir ternura por essas pessoas, como se elas estivessem aqui agora e não no passado. Sobre este atestado de existência que a fotografia traz consigo Roland Barthes (2012, p. 76) afirma que:

A fotografia não rememora o passado (não há nada de proustiano em uma foto). O efeito que ela produz em mim não é o de restituir o que é abolido (pelo tempo, pela distância), mas o de atestar que o que vejo de fato existiu.

Esse trabalho foi exposto primeiro no *Sarau na Galeria*, que acontece a cada dois meses em Suzano. Em seguida foi exposto numa coletiva da qual eu fui curadora, com o nome Festim Canibal essa exposição trazia trabalhos de professores de Arte da rede municipal de Suzano, e aconteceu no Centro de Educação e Cultura Francisco Carlos Moriconi também na cidade de Suzano.

Ainda em 2022 organizei uma exposição coletiva no Instituto de Artes da UNESP com estudantes/professores(as) do Profartes e que contava com trabalhos em diversas linguagens.

Em 2023, participei da exposição “Poéticas do contato” na Galeria Gare que está situada na Vila Mariana em São Paulo, sob a curadoria da também artista e participante Lilian Amaral e com mais doze artistas, pesquisadores e professores. Foram expostos trabalhos em fotografia, pintura, performance, instalação, entre outras linguagens do sensível e da poética da relação, nesse lugar de afetos e partilha.

A seguir, alguns registros do trabalho “Sopro – a fantasia também é co-criadora da memória”.

Figura 45 - Sopro, imagens sobrepostas digitalmente



Fonte: Autora (2022)

Figura 46 - Sopro, instalação e fotografias no IA, UNESP



Fonte: Autora (2022)

Figura 47 - Sopro, imagens sobrepostas digitalmente



Fonte: Autora (2022)

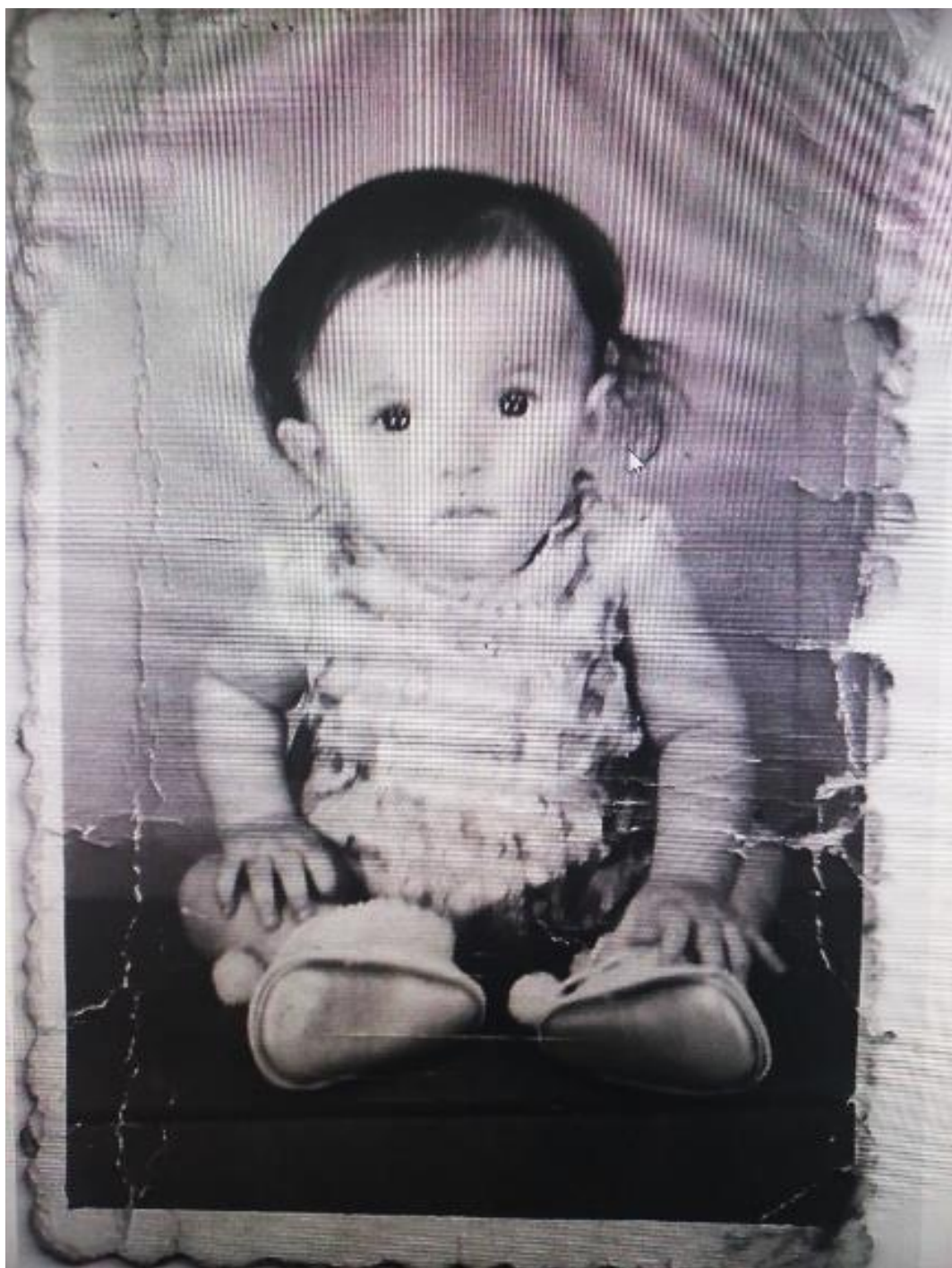
3 SOBRE O PODER DAS IMAGENS

*No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz:
Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor,
mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos
O verbo tem que pegar delírio.*

Manoel de Barros¹

¹ Manoel de Barros, 2011, p. 15

Figura 48 - Eu com mais ou menos um ano



Fonte: Autora (2022)

Essa sou eu, com um ano e pouco de idade, com certeza tem alguém me segurando atrás do tecido, foi o que minha mãe disse a respeito desse instante: colocaram um tecido e ela ficou escondida atrás, segurando-me para que eu não caísse. Nesse sentido, talvez seja possível fazer uma analogia do que pode vir a ser

uma imagem: uma farsa bonita na qual acreditamos, um jogo de esconder e aparecer, ou mesmo um brinquedo de pegar delírio.

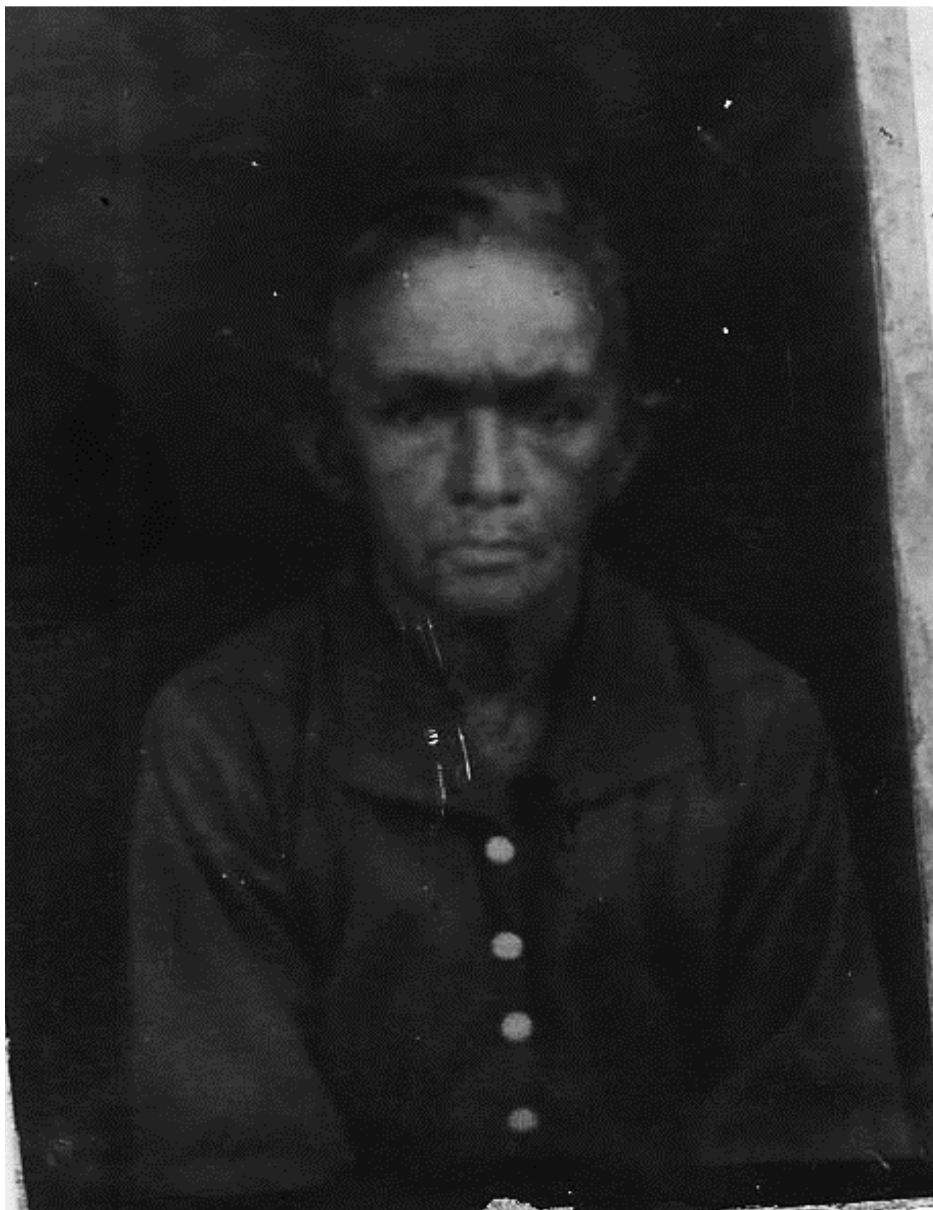
Sou profundamente apaixonada por estes olhos enormes capturados nessa fotografia. Este rosto curioso me enche os olhos d'água quando olho fixamente. A pequenina “eu”, não sabia como teria que ser forte em alguns momentos, nem como seria profundamente feliz em outros, mas daqui eu consigo ver nela a coragem ancestral que nos moveu, e como a gente se salvou.

Essa fotografia foi feita em Serra Talhada, a cidade em que nasci, no estado de Pernambuco, num tempo em que as fotografias eram muito caras, sendo esse o único registro que tenho da minha infância mais tenra. Imagino que devido a dificuldade em ter esse tipo de registro no sertão nordestino, fosse pela dificuldade em transportar o aparato fotográfico, fosse pela dificuldade em custear o registro nos anos 1970, meus pais tenham feito um grande esforço para conseguir este retrato, sendo assim, a importância dessa criança, no caso eu, também é dada através do ato de procurar um fotógrafo que fizesse o registro, encontrá-lo em um lugar de poucos recursos, esperar que esse registro fosse revelado e somente depois, observar o resultado da fotografia tão esperada, então, nesse sentido, a fotografia deixa de ser apenas um papel e passa a configurar todas as presenças que a tornaram possível.

A seguir, temos o retrato da minha bisavó paterna, Antônia Gonçalves Lima, deve ter uns cem anos este registro. No papel, ela tem os mesmos olhos desde sempre, a formação da boca, a testa franzida, é como se eu conseguisse alcançar essa bisavó em mim mesma. O papel fotográfico está conservado dentro do álbum, testemunha da passagem do tempo. No meu coração, coloco-me a pensar: onde estará essa bisavó? que já faleceu há muitos anos e que só conheci através dos relatos de família e dessa quase apagada imagem. Que poder é esse do papel transformado em uma representação da minha bisavó, cuja leitura une tantas décadas separadas pela vida e morte?

Podemos pensar nos dias de hoje que a fotografia que era raríssima na época em que minha bisavó estava viva, tornou-se um recurso popular e acessível, permitindo-nos fazer imagens com tanta facilidade que torna-se banal, por exemplo, ter álbum de família impresso, e as imagens que passaram a ser distribuídas em redes sociais, deixaram de ser um documento particular para tornar-se público.

Figura 49 - Minha bisavó Antonia Gonçalves Lima



Fonte: Autora (2022)

Para além do que é privado e público, a realidade contemporânea está posta no absurdo dos registros sempre felizes, diferente da fotografia da minha bisavó, que surge nitidamente desconfortável no retrato. A maioria das pessoas não fazem uma fotografia sem sorrir ou mesmo sem maquiagem e, se o fazem, utilizam filtros para resolver a questão. Os momentos “felizes” ou que sugerem alguma felicidade configuram a maioria das imagens que constam de um mundo não linear, em que há guerra e paz, fome e fartura, violência e harmonia, tristeza e alegria, como se a felicidade perene fosse o verdadeiro objeto de desejo. Sobre isso Fabris (2004, p.75) considera que “a fotografia não é um jogo da verdade”, é a apreensão de um sujeito

“na sua instantaneidade fatal’ e, por isso mesmo, “em nada diferente de qualquer outro objeto”. Desse modo, o objeto “fotografia” nas redes sociais, ganha um status de objeto “felicidade”, não restando a menor dúvida do quão feliz, sem problemas nem crises, está a sociedade mediada pelas imagens desse tempo.

3.1 Imagens e diversas leituras, memórias e invenções

Se imagens brincam de esconde-esconde dentro de nós, nada melhor do que pesquisar com quem entende dessa brincadeira. Assim, iniciei uma experiência de leitura de imagens com algumas crianças do quinto ano do Ensino Fundamental.

A primeira fotografia apresentada a elas traz a imagem de formigas comendo uma borboleta, o primeiro estudante a fazer a leitura disse que via uma taturana sendo devorada, as crianças que ouviram essa leitura disseram a mesma coisa, e sequencialmente a borboleta ganhou a configuração de taturana para todas, exceto uma criança que disse que era “um corpo” e uma outra que disse ter visto sangue.

Figura 50 - A mariposa e as formigas



Fonte: Autora (2023)

Desse modo, a imaginação da primeira criança construiu uma narrativa para essa imagem e fixou esse testemunho como “real”, o que fez parecer como se as outras crianças não estivessem mais vendo de fato e, mesmo depois de observar por

alguns minutos, elas continuavam interpretando e dizendo que era uma taturana. Sobre esse olhar das crianças, Kossoy (2005, p.45) explica que:

A fantasia mental desloca o real em conformidade com a visão de mundo do autor da representação e do observador que a interpreta segundo seu repertório cultural particular. O que é real para uns é pura ficção para outros. A ficção pode então substituir o real, tendo o documento fotográfico como prova “convvincente”, como constatação definitiva de legitimação de todo um ideário: a mensagem simbólica, emblemática de um real a ser alcançado, cobiçado ou destruído. As imagens técnicas tornam as imagens mentais reais.

Se a memória pode criar uma realidade mediada pela história ouvida, assim como ocorreu com a primeira criança ao ler a imagem da borboleta sendo devorada por formigas, a imagem fotográfica também pode ser um processo de construção da realidade, visto que há um recorte de determinado acontecimento, feito por alguém que observa através da lente da câmera e seleciona o que vai ser registrado para, posteriormente, ser visto pelas demais pessoas.

Na segunda experiência de leitura de imagem, pedi que duas estudantes do quinto ano do Ensino Fundamental, ambas com onze anos, observassem a fotografia de um bebê impressa em preto e branco e me dissessem o que estavam vendo. A primeira menina disse que “a fotografia era antiga, porque, antigamente, não havia foto colorida”, a segunda disse “eu acho que é uma pintura, porque tem muita gente que faz pintura realista”. Ao citar que, antigamente, não havia fotos coloridas e sabendo que essa menina tem apenas onze anos, podemos suspeitar que sua memória foi construída não pela experiência desse “antigamente”, mas por alguma informação, ou mesmo, por determinada imagem vista por ela, quem sabe em algum álbum de família. Desse modo, para ela, a fotografia demonstra a representação da verdade, enquanto que, para a outra menina, a imagem evoca uma pintura, ou seja, está mais para uma realidade inventada. Segundo Flusser (2018, p. 52), “não pode haver, no mundo lá fora, cenas em preto e branco. Isso porque o preto e branco são situações ‘ideais’, situações-limite”, sendo assim, a fotografia em preto e branco perde sua característica realista e passa a ser uma ficção e talvez, a segunda menina tenha mais razão em sua leitura do que a primeira.

A última imagem que apresentei foi observada por estudantes do terceiro ano fundamental e dessa vez, a leitura foi feita individualmente.

Figura 51 - Através



Fonte: Autora (2023)

Alguns estudantes viram apenas a porta, não citaram a pessoa, mesmo depois de serem questionados, outros viram a professora e os tijolinhos. Dessas leituras duas chamaram especial atenção, na primeira, um estudante disse que ao ver a imagem

ficava apavorado, e ao ser questionado sobre o porquê respondeu “porque aquilo pode ser alguma coisa que a gente não percebe”. Essa hipótese nos leva a pensar sobre o caráter fantasmático da fotografia e a possibilidade do menino ter captado essa configuração ao olhar a imagem, nesse sentido Baitello Junior (2017, p. 57) afirma que “sendo a presença de uma ausência, é a evocação de uma fantasmagoria, trazendo em si o espectro da morte”. Quando o menino diz que na imagem há algo que ele não percebe e que o apavora, talvez, seja lícito pensar que o desconhecido, o novo ou o que foge do padrão nos amedronta, sendo passível de medo ou até mesmo terror.

Na segunda leitura feita por uma menina de 11 anos, ela declarou “dá medo, porque parece que o vidro está dentro do corpo da pessoa”, sobre esse medo, Baitello Junior (2014, p. 31) discorre da seguinte maneira:

E o medo ancestral está entranhado nos meandros da imagem. Não é à toa que as imagens nos capturam, nos mobilizam, nos petrificam, como górgonas de olhar terrível. A primeira das três górgonas, Medusa, inclusive simboliza, na mitologia grega tardia, segundo Junito Brandão, ‘a imagem deformada que petrifica pelo horror.

Ao questionar as crianças sobre as imagens, as fantasias delas também se tornaram criadoras da memória desses registros fotográficos, fazendo surgir questões importantes na esfera da fotografia. Assim, vão se configurando outros modos de ver e as imagens vão sendo rearranjadas.

Quando os estudantes fazem uma selfie para divulgar nas redes sociais, estão registrando um corpo real, ao mesmo tempo em que criam uma fantasia sobre esse corpo, que é mediada por filtros, músicas e textos que o algoritmo associa e sugere, num movimento de massificação.

A fotografia exposta nas redes sociais utiliza filtros como maquiagem, não apenas para pessoas mas, para paisagens e momentos que de alguma maneira se pretendem ideais. Esses recursos interferem na criação tanto de personagens quanto dos próprios momentos, salientando a ficção e, por vezes, tentando esconder ou criar algo ou outra realidade. Ao refletir sobre isso, Fabris (2004, p.57) aponta que:

Ao criar uma imagem ficcional, isto é, referir-se à pessoa, a pose permite analisar o retrato fotográfico pelo prisma do artifício, não apenas em termos técnicos, mas também pelo fato de possibilitar a construção de inúmeras máscaras que escamoteiam de vez a existência do sujeito original.

Os filtros são utilizados pela maioria das pessoas de maneira a cobrir o que

julgam imperfeições, deixando a pele sem marcas ou mesmo expressões, aproximando a imagem do indivíduo comum, de celebridades do mundo da moda ou que estejam em evidência nas mídias. Essas ferramentas tecnológicas trazem uma suavidade agradável, qualidade essencial à beleza e que Edmund Burke (2016, p. 111) descreve da seguinte maneira:

Essa é uma qualidade tão essencial à beleza que, neste momento, não me recorro de qualquer coisa bela que não seja suave. Nas árvores e nas flores, consideramos belas as folhas lisas; nos jardins, os declives suaves de terra; na paisagem, os riachos tranquilos; na beleza do reino animal, peles e plumagens macias; nas belas mulheres, a pele suave; e em vários tipos de mobílias ornamentais, suas superfícies lisas e polidas.

Se imagem é texto, a fotografia carrega consigo um papel fundamental quando a intenção é trazer à tona assuntos de ordem psicológica, política, social e de gênero, deixando margem para questionamentos diversos, já que se encontra aberta a interpretações. A utilização de filtros que tornam imagens idênticas, traz uma uniformidade social que inexistente no cotidiano e que pode e deve ser discutida na esfera da Educação. Ao mesmo tempo, tais ferramentas podem propiciar a criação de imagens interessantes, mediadas por processos que envolvem a imaginação em favor da criação ou invenção de uma ideia.

Desse modo, a fotografia para contar uma história pode encenar ou dirigir uma situação que pareça verdade, mesmo que seja uma mentira fantástica, assim, essa invenção imagética é legitimada como indício do real através da fotografia.

Se uma selfie esconde a pessoa que a faz, o mundo como o conhecemos nas redes sociais é uma invenção trágica e carente, e seguimos registramos tudo que vemos na velocidade que conseguimos: a balada, o prato com a refeição bonita, o rosto sempre feliz, a roupa da moda. Tornamo-nos senhores e escravos do aparelho fotográfico que nos engole, e nesse jogo de ser Deus não percebemos que ao manipular uma câmera também estamos sendo manipulados, como afirma Flusser (2018, p. 79):

Resumindo: eis como fotografias são recebidas: enquanto objetos, não têm valor, pois todos sabem fazê-las e delas fazem o que bem entendem. Na realidade, são elas que manipulam o receptor para comportamento ritual, em proveito dos aparelhos. Reprimem a sua consciência histórica e desviam a sua faculdade crítica para que a estupidez absurda do funcionamento não seja conscientizada.

Ao conversar com os estudantes sobre o conceito de imagem e as implicações da utilização de selfies, foi observado que muitos desconfiam das imagens enquanto

indício da verdade, porém, mesmo assim, continuam fazendo selfie por considerarem um modo de pertencimento a determinado grupo.

Figura 52 - All you need is love



Fonte: Autora (2023)

A frase “Tudo que você precisa é amor”, título de uma música dos Beatles, diz muito sobre este trabalho. Em um dia desses, o professor Welker Oliveira Evangelista, meu amigo, foi até onde eu estava depois de um encontro com os estudantes e me deu uma maçã, um presente que achei muito simbólico fotografar unido ao tema da música, com a temática da gentileza, para refletir sobre o espaço de confluência da arte na escola e imaginar que, esse ambiente, pode sim ser afetuoso, receptivo e gentil.

As imagens seguem seu destino como autônomas, por vezes nos encantando, petrificando, amedrontando. Armazenamos nossas fotografias em álbuns, HDs, nuvem, a fim de recorrer a elas em determinados momentos para rememorar acontecimentos passados. Da mesma maneira que a memória armazena informações que podem ser acessadas por nós quando solicitadas, ou as fotografias que se

perdem pela corrosão do tempo nos papéis, ou por uma falha no HD, às vezes a memória falha e tudo vira um grande borrão, nos fazendo duvidar se, de fato, aquilo existiu ou se é só mais uma invenção da nossa mente.

A seguir, apresento uma sequência didática elaborada para estudantes do 5º ano do ensino fundamental.

Prelúdio – Raul Seixas

Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é realidade
Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é realidade
Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só

Esse é meu sonho, que essa sequência seja revista, reinventada, reinterpretada, sonhada novamente com outros olhos, outros corações... reorganizada, quebrada, modelada, para que eu não esteja só nesse lugar do sonho, e para que a arte educação seja um movimento vivo dentro de cada arte educador(a), fazendo parte do desenvolvimento de cada um(a), conforme cita Frange (2001, p. 255):

Arquitetar e enriquecer as relações entre arte, educação e filosofia é estar sempre em desenvolvimento, é permanecer na busca de sujeitos criativos em seu estado do ser, inventivos, comunicacionais, autorais e construtores de mundos outros.

4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Introdução:

Essa sequência didática faz parte do estudo e prática realizados para o Mestrado da UNESP, no programa PROFARTES, dentro da linha de pesquisa: Processos de Ensino, Aprendizagem e Criação em Arte, e está baseada na minha história enquanto artista/pesquisadora/professora, na linguagem da fotografia e na leitura de imagens, que serviram de estudo e criação para um grupo de estudantes do 5º ano do ensino fundamental, na EM Profª Mônica Sônia Franco Pinheiro Maida, uma escola rural, no município de Suzano, cidade localizada na região do Alto Tietê, em São Paulo.

Objetivo geral:

Desenvolver uma sequência didática baseada na leitura de imagens, bem como na criação de procedimentos criativos, que enriqueça o processo de construção identitária dos(as) estudantes, alimentando o repertório imagético, potencializando a imaginação e valorizando suas produções.

Objetivos específicos:

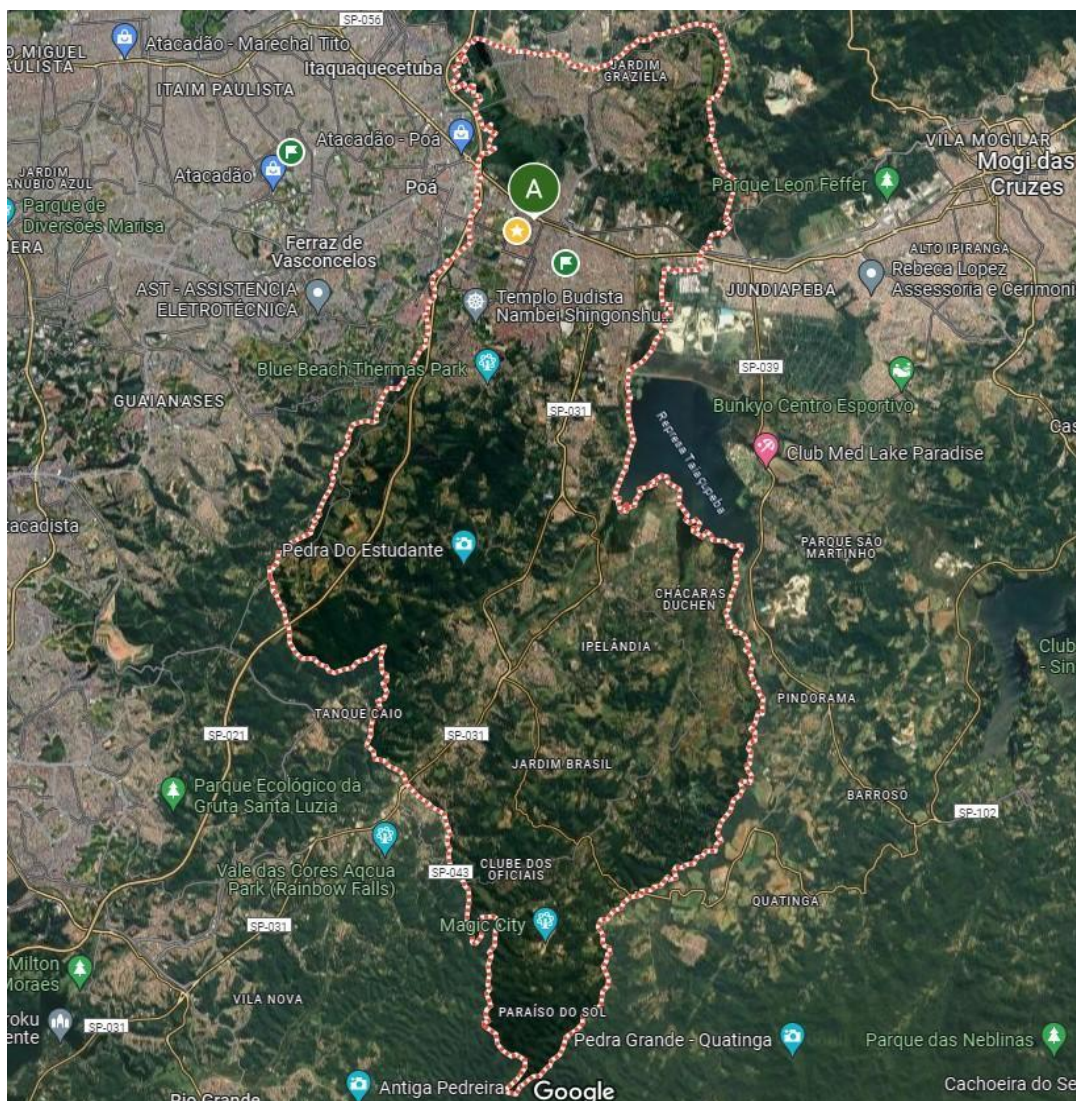
Sistematizar uma sequência didática que possibilite um ensino aprendizagem de artes visuais harmonioso, incentivando experiências com arte, a troca de idéias sobre imagem, a dinâmica de criação em grupo, o vínculo afetivo entre participantes, além da criação de um trabalho fotográfico pessoal que demande observação, escuta e elaboração de soluções.

Ocupar o espaço da escola com a exposição de autorretratos dos estudantes, através da técnica de lambe-lambe, em um lugar de circulação de pessoas, dando visibilidade e valorizando suas criações, proporcionando durante a colagem dos cartazes, momentos de encantamento, alegria, descobertas e afeto.

Metodologia:

Utilizei o método de pesquisa qualitativa, além disso, foram realizadas situações de aprendizagem com colagens, fotografia, leitura e criação de imagens, experiências práticas, visita de artista e rodas de conversa, resultando numa sequência didática.

Figura 53 - Mapa de Suzano



Fonte: Google Earth (2023).

Suzano é um município brasileiro do estado de São Paulo, localizado na Região Metropolitana de São Paulo e Alto Tietê. É formado pela sede e pelos distritos de Boa Vista Paulista e Palmeiras de São Paulo.

Tempo: 27°C, vento O a 10 km/h, umidade de 68%

População: 300.559 (2020)

Altitude: 749,43 m

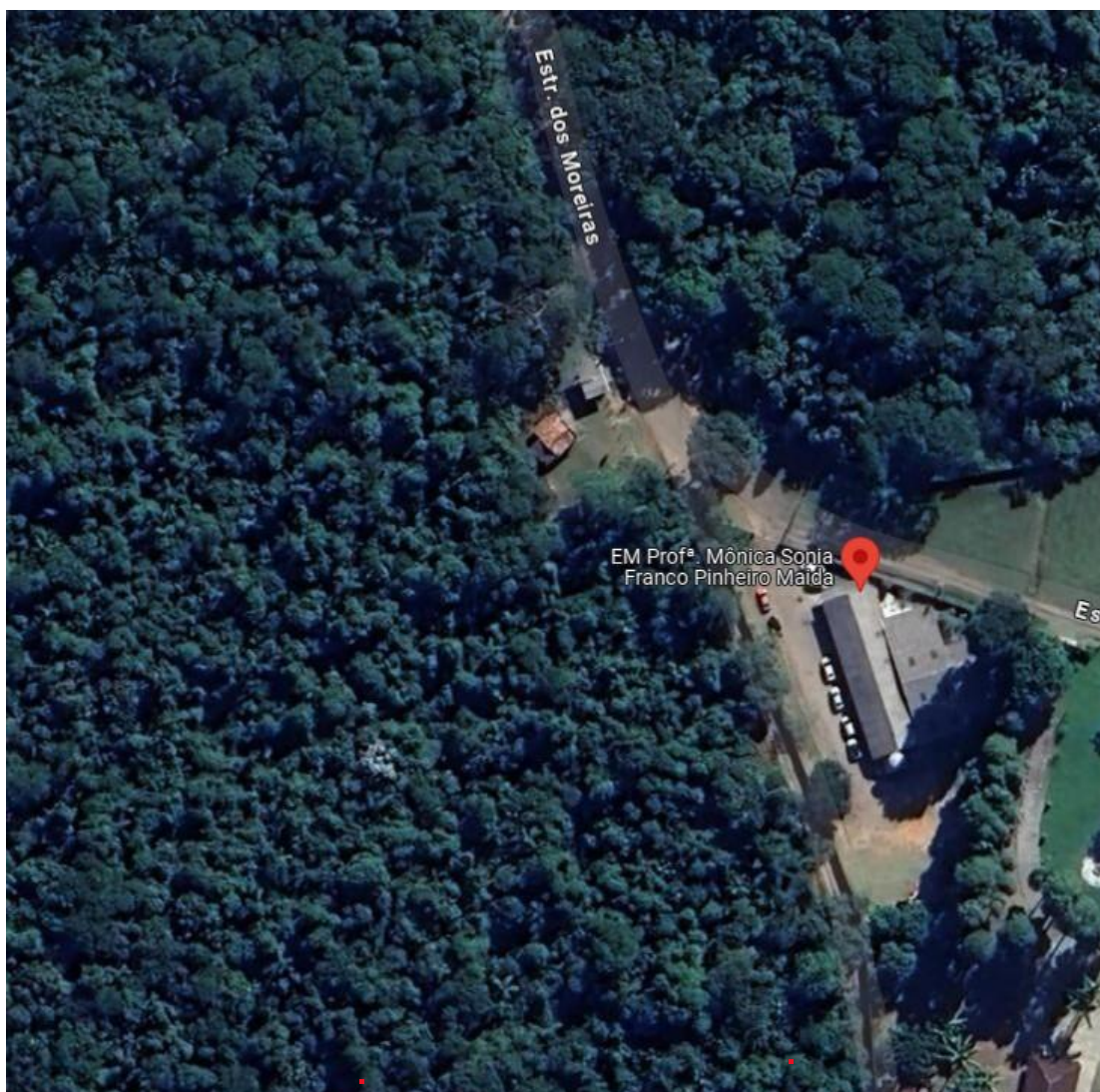
Clima: subtropical (Cfb)

Densidade: 1 490,4 hab./km²

Emancipação: 2 de abril de 1949 (74 anos)

Fundação: 11 de dezembro de 1908 (115 anos)

Figura 54 - Escola Profª Mônica Sônia Pinheiro Maida vista de cima



Fonte: Google Earth (2023).

A Escola Municipal Profª. Mônica Sonia Franco Pinheiro Maida está localizada em uma região rural na cidade de Suzano, na região do Alto Tietê, em São Paulo. Para chegar na escola tem uma estrada de terra, onde estão as chácaras agrícolas. Quando está sol nós conseguimos ver o arco-íris sendo formado pelos jatos de água que molham as plantações, e quando chove, o cheiro da terra molhada invade o ar, e se formam grandes poças d'água. Nesses dias de chuva eu sou obrigada a diminuir a velocidade do automóvel. De vez em quando encontro algum cachorro que corre atrás do carro latindo. E quando têm pessoas na estrada, nós nos cumprimentamos, as vezes só com os olhos ou um sorriso. Vir pra cá, é uma grande aventura, é atravessar no tempo dois lugares distintos, mudar radicalmente o olhar da agitação para a calma. Aqui é bonito, de uma beleza que não consigo colocar no papel.

A escola fica exatamente no final da estrada, mas lá nunca seria o final de nada,

afinal de contas, o lugar onde estamos é que marca o início de tudo. É lá que principia um tempo de descoberta e afeto. Lá as crianças têm contato com os saguis que vêm, de vez em quando, subir no muro. É lá que eles têm uma casa de abelhas Jataí e de onde podem colher mel, para alegria do céu da boca, e quando eu volto de lá transbordo afeto, a beleza do encontro, o cheiro e as imagens desse lugar.

Figura 55 - Entrada da escola Profª Mônica Sonia Pinheiro Maida



Fonte: Autora (2023)

4.1 CRONOGRAMA

1. Descrição da sequência didática

Aula 01: Apresentação do projeto para os estudantes e roda de conversa.

Aula 02: Construção da câmara escura.

Aula 03: Retomada da aula anterior.

Aula 04: Leitura de imagem: Fotografia encenada, Hippolyte Bayard.

Aula 05: Leitura de imagem: Fotografia documental, Tuca Vieira.

Aula 06: Arte urbana.

Aula 07: Conhecendo a técnica de lambe-lambe, colagem criativa.

Aula 08: Fotografando: retratos de nós.

Aula 09: Encontro com a artista Elidayana Alexandrino.

Aula 10: Colando os lambes.

2. Materiais didáticos e paradidáticos

- Audiovisual com os temas abordados;
- Papel cartão preto;
- Fita adesiva preta;
- Papel vegetal;
- Textos para sensibilização;
- Suporte de alumínio para fundos ou tecidos;
- Papel sulfite para impressão dos lambes;
- Papel fotográfico para impressão das selfies;
- Cola líquida;
- Rolinho de espuma.

3. Recursos Tecnológicos e Espaço físico

- Sala de Aula com adaptações/ Pátio;
- Projetor ou lousa digital;
- Aparelho de celular ou tablet;
- Parede disponível para colagem dos lambes;

4. Avaliação:

Realizada de maneira processual através da observação dos estudantes e suas realizações. Também foram feitas rubricas, a saber:

C = consolidado: é o estágio em que a criança demonstrou um conhecimento aprofundado do que foi experienciado.

PC = em processo de consolidação: a criança demonstra um bom nível de conhecimento a respeito do que foi experienciado.

NO = necessita de novas oportunidades: a criança tem a experiência do

que foi proposto, mas ainda não domina as situações de maneira autônoma, nem com a liberdade que outras oportunidades podem possibilitar.

4.2 AULAS

4.2.1 Aula 01

Apresentação do projeto para os estudantes, roda de conversa.		
Tema: Apresentação da docente e dos estudantes, exposição do projeto, roda de conversa.	Número de Aulas para esta Atividade: 01	Ano/Série: Fundamental I
Objetivo: Propiciar a socialização do grupo de maneira a iniciar uma relação de confiança entre estudantes e docente através do diálogo. Fazer um levantamento dos conhecimentos prévios sobre fotografia.		
Habilidades a serem trabalhadas: (EF05AR01) Identificar a fotografia e como modalidade das artes visuais tradicionais e contemporâneas presentes na cultura brasileira e de outros países, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. Escuta (ouvir o outro e a si mesmo). Entendimento da proposta artístico-pedagógica.		
Formei uma roda com os estudantes dentro da sala de aula, mas isso pode ser realizado em algum local externo também. Pedi para que cada um dissesse o nome e memorizasse o nome da pessoa que estava à sua esquerda. Em seguida, orientei que iríamos dar dois passos para a direita e dois passos para a esquerda, seguindo a ordem de que, ao dar os dois passos para a direita, eu falo meu nome, e ao dar os dois passos para a esquerda, eu falo o nome da pessoa a minha esquerda, que deve em seguida fazer o mesmo que eu fiz e assim sucessivamente até darmos a volta		

toda na roda. Durante essa brincadeira, nós rimos muito, porque às vezes alguém esquecia o nome ou a direção que deveria ir. Foi um momento de descontração.

Apresentei o projeto explicando as etapas que seriam percorridas, houve uma conversa sobre o que eles e elas entendiam por “imagem” e as respostas foram variadas: fotografia, cartazes, panfletos. Segui perguntando o porquê dessas imagens terem usos distintos e um dos estudantes respondeu que era porque cada uma estava em um lugar diferente. Então, eu prontamente disse: olha que bacana! A imagem pode comunicar coisas em diversos lugares e nós precisamos observar o que as imagens estão dizendo, certo?

Na sequência, foram questionados sobre o que tem no bairro em que moram e que eles vêem todos os dias, e as respostas foram muitas: parque no final da rua, posto de gasolina fechado, padaria, mercado. Logo depois, levantei a seguinte questão: nessa sala tem imagem? Alguns disseram que não, outros disseram que havia um cartaz na porta. Então, eu perguntei: mas, para fotografar eu escolho coisas ou pessoas, aqui eu poderia fotografar? Disseram que sim.

Perguntei novamente: há imagens na sala? E eles disseram em uníssono: simmm!!!! Temos cadeiras, janelas, pessoas que a gente pode fotografar.

Percebendo que eles estavam eufóricos com as descobertas, mais uma vez, perguntei: então o que é imagem? um estudante respondeu: tudo!

Minha colaboração enquanto educadora foi dizer que imagens são representações do mundo, elas nos contam histórias e nós podemos contar nossas histórias também, a partir das nossas imagens.

Avaliação:

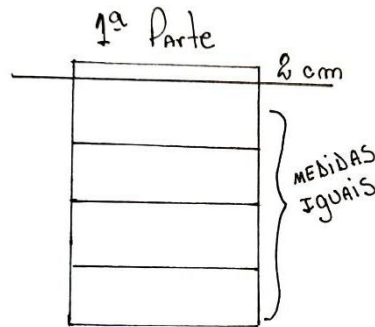
C = consolidado PC = em processo de consolidação NO = necessita de novas oportunidades				
Objetivo	C	PC	NO	Observações
O estudante identifica a arte em seu meio sócio cultural.	x			Foi observada a presença de pinturas na igreja.
Conhece e analisa imagens.	x			Imagens em supermercados, farmácia e shopping foram citadas.

Durante a conversa, trouxe contribuições significativas para o grupo.	x			Trouxeram informações valiosas sobre o lugar onde moram e as imagens que existem lá.
---	---	--	--	--

4.2.2 Aula 02

Construção da câmara escura		
Tema: Câmara escura, o princípio da fotografia.	Número de Aulas para esta Atividade: 02	Ano/Série: Fundamental I
Objetivo: Oportunizar aos estudantes uma experiência de criação de um objeto que antecede a fotografia e, ao mesmo tempo, possibilitar momentos de encantamento.		
Habilidades a serem trabalhadas: (EF05AR04) Experimentar fotografia e vídeo por meio de técnicas convencionais e não convencionais, fazendo uso sustentável de materiais e instrumentos. (EF05AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.		
Primeiramente, organizei a sala colocando as mesas em um formato de círculo, os estudantes me auxiliaram nessa tarefa. Distribui os materiais: uma folha e meia de papel cartão, uma folha de papel vegetal, fita adesiva preta para cada estudante. Iniciei o encontro explicando que seria confeccionada uma câmara escura, que é o princípio da fotografia, não expliquei mais que isso, pois me interessava notar a curiosidade que ia crescendo e o espanto quando os estudantes se depararam com as imagens invertidas na caixa que construíram. Segue abaixo, um passo a passo da confecção da câmara escura. Primeiro divida a folha de papel cartão ao meio. Em uma das partes, na largura maior do papel, medir 2cm e dobrar.		

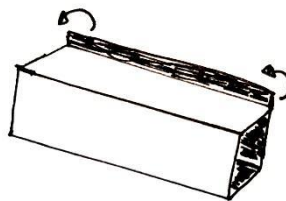
Figura 56 - Esquema do sistema de medidas para construção da câmara escura



Fonte: Autora (2023)

Em seguida, (excluindo os dois centímetros) dobre em 4 partes iguais formando um quadrado, lembrando que a parte interna desta caixa deve ser o lado preto do papel, passe a fita adesiva por toda lateral de maneira que fique bem vedada a emenda:

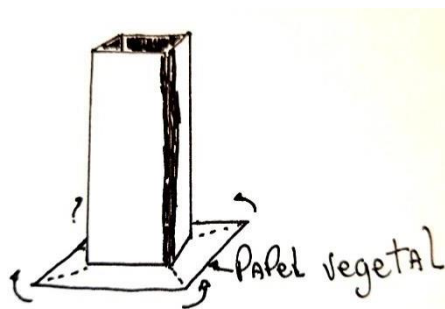
Figura 57 - Esquema da dobra da caixa



Fonte: Autora (2023)

A seguir, em uma mesa, apoie uma das aberturas da caixa sobre o papel vegetal, cole com a fita adesiva e sua primeira parte estará pronta, como mostra a imagem abaixo:

Figura 58 - Esquema de dobra da tampa com papel vegetal

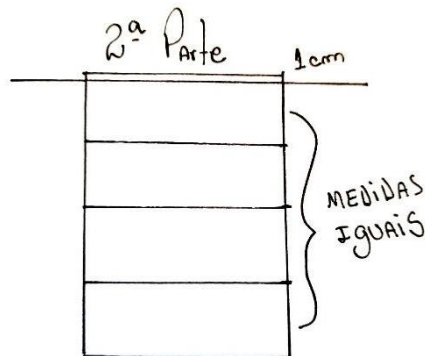


Fonte: Autora (2023)

Agora, pegue a segunda metade do papel cartão e dobre como fez com a primeira,

porém, dessa vez, a primeira dobra terá apenas 1cm.

Figura 59 - Esquema do sistema de medidas para construção da câmara escura



Fonte: Autora (2023)

Feche da mesma maneira que a primeira. Logo depois, apoie uma das aberturas da caixa sobre o papel cartão e adesive com a fita vedando bem para que não entre nenhuma luz na caixa, lembrando de deixar o lado preto para dentro.

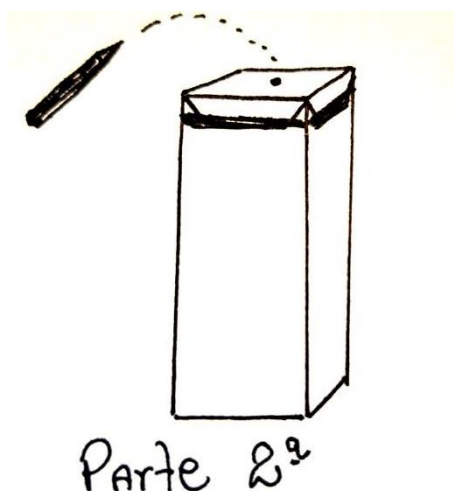
Figura 60 - Esquema de dobra da tampa com papel cartão



Fonte: Autora (2023)

Fechada essa parte, faça um furo no papel cartão que está na base, para isso, pode utilizar um lápis, observe que o furo não pode ser muito grande.

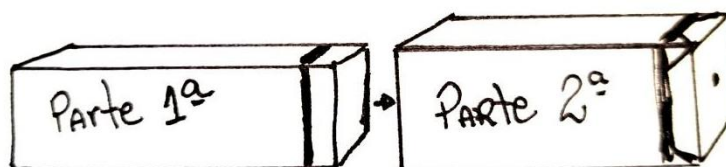
Figura 61 - Esquema do furo da câmara escura



Fonte: Autora (2023)

Para finalizar coloque a parte 1, que tem o papel vegetal, dentro da parte 2, que tem o furo.

Figura 62 - Esquema de encaixe para utilizar a câmara escura



Fonte: Autora (2023)

Orientei que cada estudante colocasse o nome em sua criação e guardei as câmaras para experienciar no próximo encontro.

Avaliação:

C = consolidado

PC = em processo de consolidação

NO = necessita de novas oportunidades

Objetivo	C	PC	NO	Observações
O estudante encontra soluções para substituir o sistema de medidas na montagem da câmara escura.	x			Alguns utilizaram régua no momento de fazer a frente da caixa, outros colocaram a cx encima

				do papel e riscaram pra saber a medida.
Expressou curiosidade em relação ao aparato construído.	x			Foram levantadas hipóteses sobre se ia dar certo ou não a criação da câmara escura, seu funcionamento etc.
Auxiliou os pares na solução de dificuldades.	x			Quem terminou primeiro se ofereceu para auxiliar algum amigo.

Figura 63 - Menina construindo a câmara escura



Fonte: Autora (2023)

Figura 64 - Estudantes construindo a câmara escura



Fonte: Autora (2023)

Figura 65 - Estudantes construindo a câmara escura



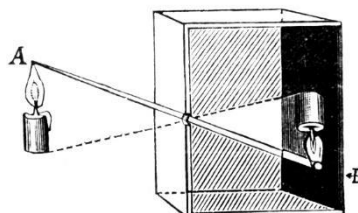
Fonte: Autora (2023)

4.2.3 Aula 03

Retomada da aula anterior		
Tema: Câmara escura, observação e discussão.	Número de Aulas para esta Atividade: 01	Ano/Série: Fundamental I
Objetivo: Refletir sobre a criação e as descobertas.		
Habilidades a serem trabalhadas: (EF05AR06) Dialogar sobre a sua criação, as dos colegas e a de diferentes artistas, para alcançar sentidos plurais. (EF05AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos da fotografia em suas produções.		
Primeiramente, distribuí as câmaras escuras e, em seguida, convidei os estudantes a caminharmos no espaço da escola em locais bem iluminados, orientei-os a colocarem o rosto dentro da caixa que construíram e a se acostumarem com a escuridão primeiro. As imagens que se formam dentro da câmara escura surgem invertidas, ou seja, de ponta cabeça, conforme a base da parte 1 da câmara se aproxima da base da parte 2, a imagem aumenta e diminui, como faz a objetiva nas câmeras atuais. Então, pedi para que os estudantes brincassem com esse aproximar e distanciar das caixas, logo em seguida, eles e elas começaram a perceber as imagens se formando, deixei que externassem as impressões a respeito do que acabaram de criar e vivenciar. Alguns começaram a rir e dizer que estavam zonzos, outros perguntavam o porquê das imagens estarem de ponta cabeça. Durante a experiência, fomos conversando sobre as descobertas, os estudantes levantavam hipóteses sobre como a imagem surgia invertida e eu fiz perguntas como: por que as imagens estão invertidas? como você se sentiu ao descobrir as imagens dentro da caixa? você imaginou que criaria um brinquedo assim? Após eles terem feito todas as observações a respeito do que tinham acabado de presenciar, eu expliquei que a câmara escura é o princípio da fotografia e que, ao colocar um objeto bem iluminado na frente da câmara, a imagem é projetada dentro da caixa de maneira invertida, ou seja, de ponta cabeça, isso porque a luz caminha		

em linha reta, assim, a luz emitida pela parte superior do objeto será enviada para dentro da parte inferior da caixa e vice-versa, como podemos observar na imagem abaixo (leve uma imagem para que eles visualizassem a explicação):

Figura 66 - Esquema do lado interno de uma câmara escura



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2mera_escura

Avaliação:

C = consolidado

PC = em processo de consolidação

NO = necessita de novas oportunidades

Objetivo	C	PC	NO	Observações
Demonstrou espanto ao ver as imagens na câmara escura.	x			Riram muito com a descoberta, um riso de felicidade com a descoberta.
Houve compreensão de como as imagens se formam dentro da câmara escura.	x			Eles direcionavam a câmara escura para cima e para baixo, e disseram que quando apontavam para cima dava pra ver melhor a escola, e quando apontavam para baixo viam a copa das árvores.

Figura 67 - Estudantes observando as imagens dentro da câmara escura



Fonte: Autora (2023)

Figura 68 - Estudantes observando as imagens dentro da câmara escura



Fonte: Autora (2023)

Figura 69 - Estudante observando as imagens dentro da câmara escura



Fonte: Autora (2023)

Figura 70 - Estudantes observando as imagens dentro da câmara escura



Fonte: Autora (2023)

A ideia de construir uma câmara escura é exatamente a de fazer com que cada estudante tome posse da produção deste instrumento de observar imagens, algo que exige certo tempo, relaciona expectativas e nos tira do lugar de apenas receptores de

um mundo visível, deslocando-nos para o lugar de criadores de uma outra realidade, quem sabe mais lúdica.

Em seu livro *Filosofia da caixa preta*, Flusser (2018 p.15) afirma que “Imaginação é a capacidade de fazer e decifrar imagens”, dessa maneira esse encontro colabora e estimula esse processo que vai de encontro às imagens. Ainda segundo ele, “*instrumentos são prolongações do corpo humano*”, assim podemos supor que aparelhos fotográficos seriam a prolongação dos olhos e a câmara escura, como um objeto que precede a fotografia, funciona trazendo essa prolongação do olhar e aproximando os corpos do mundo ao redor.

4.2.4 Aula 04

Leitura de imagem		
Tema: Fotografia encenada, Hippolyte Bayard	Número de Aulas para esta Atividade: 01	Ano/Série: Fundamental I
Objetivo: Possibilitar aos estudantes o conhecimento do conceito de fotografia encenada e ativar reflexões acerca de como essa fotografia está associada a selfie.		
Habilidades a serem trabalhadas: (EF05AR01) Identificar e apreciar fotografia como modalidades das artes visuais tradicionais e contemporâneas presentes na cultura brasileira e de outros países, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. (EF05AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos da fotografia em suas produções.		
Primeiramente, pedi que os estudantes se reunissem em grupos de até cinco pessoas. Nesse dia, levei revistas diversas para o ambiente, distribuí entre os grupos e orientei que observassem e selecionassem imagens durante cinco minutos. Por fim, cada grupo deveria escolher uma imagem que considerasse relevante. Em seguida, pedi para que cada grupo contasse algo sobre a imagem escolhida e fui		

fazendo perguntas como: Por que essa imagem e não outra? Essa é uma imagem real? É uma imagem de pessoa, objeto, alimento ou paisagem? Existem filtros nessa imagem? Por que utilizaram filtros? No dia a dia, vemos imagens como essa? Essa imagem pretende vender algo? Se sim, o que é?

Logo após a conversa, mostrei aos estudantes a fotografia de Hippolyte Bayard, Nessa cena, o artista montou o cenário e performou em frente à camera, simulando a própria morte. Pedi que realizassem a leitura da imagem antes de dar as referências e trouxe os seguintes questionamentos: O que há na imagem? O que o texto na fotografia nos revela sobre a imagem? Se é a fotografia de um homem que morreu afogado, que lugar é esse e onde ele está? Quem fez a fotografia? A fotografia em questão é um indício de verdade ou uma invenção?

Figura 71 - Autorretrato de um homem afogado (1840), Hippolyte Bayard



Fonte: <https://investigacoesfotograficas.blogspot.com/2013/05/autoretrato.html> (2023)

Eu fui explicando que essa é uma das primeiras fotografias encenadas, em que o homem em questão tentou criar a cena da sua morte. Expliquei também que o cenário

foi organizado e que até hoje nós fazemos isso, mesmo sem perceber quando criamos a famosa selfie. Os estudantes ficaram muito curiosos em relação ao fato de que a fotografia antigamente não era digital e que talvez o homem tenha ficado muito tempo naquela posição. Eu inferi dizendo que sim, o tempo de fixação da imagem era longo e talvez por isso o homem tenha feito a foto sentado e não em pé. Hoje em dia, a fotografia digital é rápida e se não ficamos contentes com o resultado, apagamos e, em seguida, fazemos outra, isso tem a ver com a rapidez com que as coisas acontecem e com a nossa pressa, muitas vezes. Talvez seja possível encontrar um equilíbrio entre a tecnologia e os aparatos antigos, que, embora hoje em dia possam ser considerados precários, são frutos de pesquisas que antecederam e fizeram com que chegassemos aos dias de hoje, com a tecnologia que temos.

Avaliação:

C = consolidado PC = em processo de consolidação NO = necessita de novas oportunidades				
Objetivo	C	PC	NO	Observações
Escolheu uma imagem complexa e argumentou sobre sua escolha.		x		Muitos preferiram fotografias de pessoas.
Observou a utilização de filtros na imagem escolhida.	x			Disseram que algumas fotos a pessoa parece uma boneca por causa dos filtros.
Observou o texto e soube explicar de que se tratava a fotografia.	x			Leram as legendas e sabiam do que tratava a imagem.
Entendeu e explicou como a fotografia de Bayard pode ter sido feita.	x			Explicaram que até hoje é assim que fazem quando querem uma foto boa, eles montam um cenário ou procuram um cenário

				em algum lugar por exemplo o shopping.
--	--	--	--	--

4.2.5 Aula 05

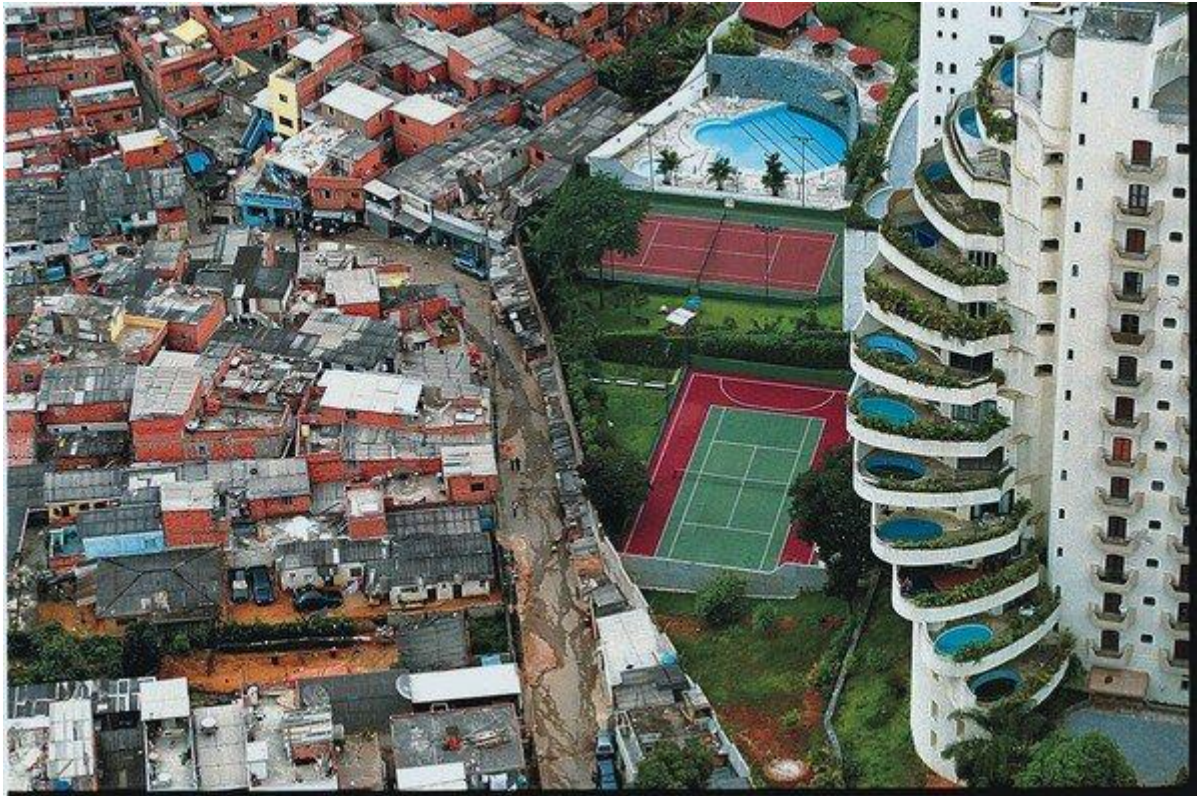
Leitura de imagem		
Tema: Fotografia documental, Tuca Vieira	Número de Aulas para esta Atividade: 02	Ano/Série: Fundamental I
Objetivo: Conhecer fotografia documental, refletir sobre criação de imagem e identidade.		
Habilidades a serem trabalhadas: (EF05AR01) Identificar e apreciar desenho, pintura, fotografia e vídeo como modalidades das artes visuais tradicionais e contemporâneas presentes na cultura brasileira e de outros países, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. (EF05AR06) Dialogar sobre a sua criação, as dos colegas e a de diferentes artistas, para alcançar sentidos plurais.		
Hoje, vimos uma imagem de Tuca Vieira, Paraisópolis - 2004, em que se vê de cima, de um lado um prédio com uma piscina em cada apartamento e, do outro lado, a comunidade de Paraisópolis, separados apenas por um muro. A prancha com a imagem já nos traz algumas perguntas norteadoras e quando os estudantes me responderam foi observado diversos fatores, como: a diferença social, eles disseram que em um lugar têm pessoas “bem de vida” e, no outro lugar, pessoas que não estão tão bem assim. A grande área verde na parte do Morumbi foi observada e a falta de área verde em Paraisópolis também. Perguntei aos estudantes se aquele lugar existia e um deles me disse: <i>Lógico que ele existe, é uma fotografia!</i> O que, mais uma vez, afirma o valor de atestado de existência que a imagem nos traz. Alguns disseram que todo mundo é igual, mas na imagem isso não estava representado, porque é bem diferente um lugar do outro. Então, eu perguntei: todo mundo é igual mesmo? Eu expliquei sobre que lugares eram esses da fotografia, dizendo que, nessa		

fotografia, um lugar muito rico e um lugar muito pobre está dividido apenas por um muro e que a desigualdade social é enorme porque existem pessoas que têm muito dinheiro e pessoas que trabalham para que as primeiras continuem enriquecendo. No caso, nós, trabalhadores, somos a máquina que mantém o mundo funcionando para que poucos ricos fiquem mais ricos enquanto nós continuamos pobres. E que precisamos exigir boa escola, boa saúde, bons alimentos e boas moradias, que, a partir da educação, é possível melhorar a qualidade de vida, porém, mesmo assim, continuaremos sendo a máquina que alimenta e sustenta o dono da máquina, e isso se chama capitalismo.

Avaliação:

C = consolidado PC = em processo de consolidação NO = necessita de novas oportunidades				
Objetivo	C	PC	NO	Observações
Participou ativamente da leitura.	x			Sim, fizeram perguntas e trouxeram suas visões sobre a imagem.
Elaborou reflexões a respeito da diferença social posta na foto.	x			Sim, disseram que de um lado havia pessoas “bem de vida” e do outro pessoas “não tão bem assim”
Realizou conjecturas sobre o que é capitalismo.		x		Disseram que a estrada aqui é diferente da estrada quando estão na cidade.

Figura 72 - Paraisópolis, 2004 - Tuca Vieira



Fonte: <https://www.tucavieira.com.br/paraisopolis> (2023)

Imagem utilizada durante a aula nº 5. Tirada em 2004, essa fotografia traz de um lado o bairro rico do Morumbi, representado aqui por um prédio de luxo em que cada apartamento tem uma piscina e, do outro lado, a segunda maior favela de São Paulo, a comunidade de Paraisópolis, representada por suas casas pequenas que foram construídas muito próximas umas das outras, e ruas com um saneamento básico precário. Essa imagem é muito didática sobre o que é o capitalismo, deixando evidente que a maioria vive da força do trabalho, e recebem salários e, às vezes, nem isso, enquanto muito poucos são os proprietários dos meios de produção. Tuca Vieira é fotógrafo e jornalista independente.

4.2.6 Aula 06

Arte urbana		
Tema: O que é arte urbana	Número de Aulas para esta Atividade: 01	Ano/Série: Fundamental I

Objetivo:

Proporcionar a ampliação e o reconhecimento dos espaços do fazer artístico, dentro e fora da escola, ressignificando o olhar crítico e o fazer artístico, além de proporcionar aos estudantes novas experiências por meio da percepção, ludicidade, expressão e imaginação.

Habilidades a serem trabalhadas:

(EF05AR01) Identificar e apreciar desenho, pintura, fotografia e vídeo como modalidades das artes visuais tradicionais e contemporâneas presentes na cultura brasileira e de outros países, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

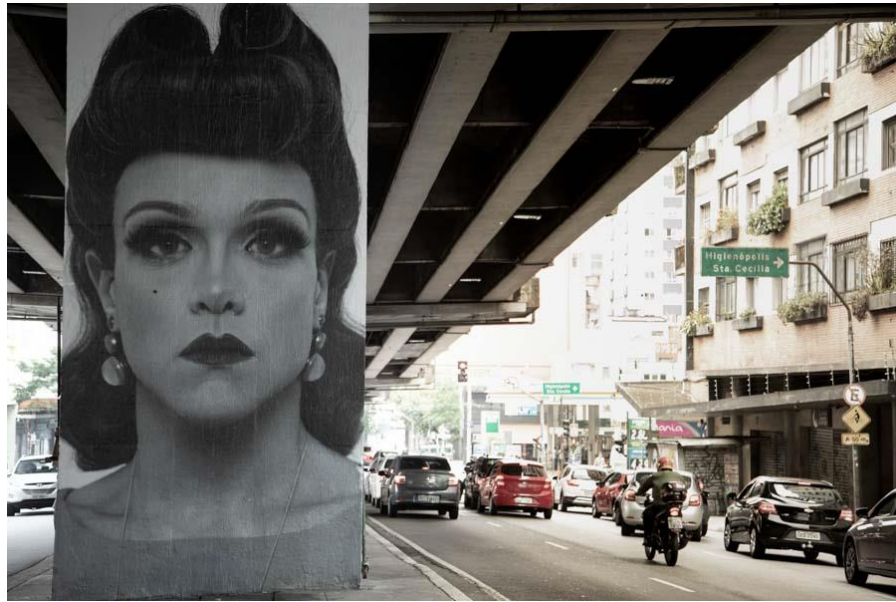
(EF05AR07) Investigar e reconhecer espaços (museus, galerias, instituições, feiras, casas de cultura etc.) e profissionais do sistema das artes visuais (artistas, artesãos, curadores etc.) no contexto brasileiro e de outros países.

Hoje, utilizei o data show, para isso, organizei, antecipadamente, uma sala que estava vazia. Em seguida, levei os estudantes até a sala e todos se organizaram para assistir o vídeo. Eu trouxe algumas imagens do projeto Giganto, da artista Raquel Brust, que foi realizado no Elevado João Goulart, no centro de São Paulo, com 29 fotografias superdimensionadas e que conta com uma grande diversidade de moradores da capital paulista. Nesse trabalho, a artista transforma a paisagem urbana dando visibilidade às pessoas que habitam e que por ali transitam.

Segundo a artista, *“a arte urbana é essencialmente efêmera, não tem como querer preservar. Tem toda uma moldura urbana que faz parte, interferência, poluições, pessoas que habitam o entorno do Minhocão. Comecei a desenvolver o Giganto porque achava o espectador passivo diante da imagem, queria alguém mais ativo”*.²

² Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2019/12/13/projeto-giganto-artista-agiganta-em-fotografias-rostos-diversos-de-sao-paulo/>

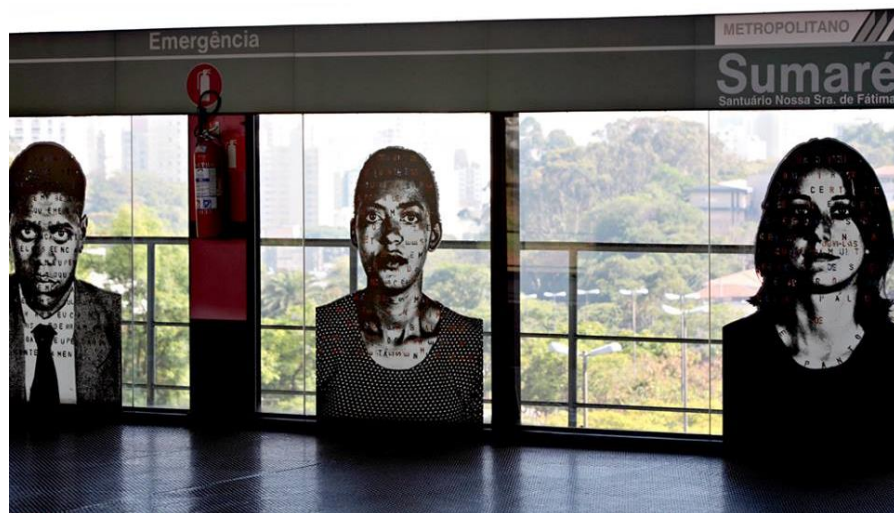
Figura 73 - Detalhe da obra Giganto de Raquel Brust



Fonte: <https://www.maapa.art/artistas/raquel-brust/> (2023)

Mostrei, também, a obra do artista Alex Flemming que está exposta na estação de metrô Sumaré, desde 1998, e que utiliza imagem e palavra para compor o trabalho.

Figura 74 - Instalação criada por Alex Flemming, 1998, Metrô Sumaré - SP



Fonte: <https://jornalismosp.espm.edu.br/artista-subsolo-quem-e-alex-flemming-das-obras-metro-sumare/> (2023)

Fizemos uma roda de conversa com pequenos desafios reflexivos, como: o que as obras têm em comum? O que elas têm de diferente uma da outra? As duas querem dizer a mesma coisa ou não? Por que o tamanho agigantado? Era possível ter feito em tamanho menor, será que a escolha pelo tamanho tem um sentido para os

artistas? Como as imagens foram colocadas nos locais que vimos? Que tipo de material é o da imagem? Dava pra expor em um local fechado? O metrô é um local fechado? Como a imagem está exposta? O que significa arte urbana?

Os estudantes se mostraram bem curiosos, alguns disseram que já viram alguma arte assim aqui em Suzano, quando passam na Av. Brasil, lá existem muitos grafites. Eu pontuei que a arte urbana existe, também, como um ato de democratizar o acesso a arte, caso nós não consigamos ir até os museus ou galerias, ao caminhar pelas ruas e passar por esses prédios, viadutos, praças com alguma expressão artística (que podem ser esculturas, instalações, pinturas ou fotografias em fachadas de prédios), temos nossa experiência com a arte. Sobre os dois exemplos que eu trouxe, a obra da artista Brusth está no viaduto, diretamente na rua, já a obra de Flemming pode ser vista tanto de dentro da estação quanto do outro lado, na rua, e mesmo que rapidamente, as pessoas que passam conseguem observar e ver a cidade através da poesia e essas são escolhas que o(a) artista faz pensando seu fazer artístico. Assim, a arte urbana surpreende o público e nos captura quando nos encantamos com algo que surge no meio do nosso dia a dia, como um respiro no meio do concreto e da correria cotidiana.

Avaliação:

C = consolidado				
PC = em processo de consolidação				
NO = necessita de novas oportunidades				
Objetivo	C	PC	NO	Observações
Observou as diferenças e similaridades entre as obras.	x			Disseram que as obras têm pessoas mas em uma delas existe o texto.
Compreendeu o que é arte urbana.	x			Sim, disseram que é a arte que eles vêem quando estão na cidade, e que tem arte urbana no viaduto em Suzano.

Observou que no metrô conseguimos ver através da fotografia a avenida do lado de fora e vice-versa.		x		Observaram a transparência, mas não citaram o lado de fora da estação.
Observou que no trabalho do metrô além da fotografia o artista utilizava o texto.	x			Sim, todos citaram o texto.
Compreendeu que o artista pode fazer escolhas para apresentar sua obra.	x			Sim, disseram que eles também iam escolher onde fazer a arte futura.

4.2.7 Aula 07

Conhecendo a técnica de lambe-lambe, colagem criativa		
Tema: Lambe-lambe e criação de colagem	Número de Aulas para esta Atividade: 01	Ano/Série: Fundamental I
Objetivo: Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e outros fora dela, no âmbito da Arte.		
Habilidades a serem trabalhadas: (EF05AR01) Identificar e apreciar desenho, pintura, fotografia e vídeo como modalidades das artes visuais tradicionais e contemporâneas presentes na cultura brasileira e de outros países, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. (EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas. (EF05AR06) Dialogar sobre a sua criação, as dos colegas e a de diferentes artistas, para alcançar sentidos plurais.		
Nesse encontro, falamos um pouco sobre a história do lambe-lambe, que é uma técnica de colagem de papel em paredes, muito utilizada, desde o século dezanove,		

como uma das expressões da arte urbana, por ser considerada de baixo custo e fácil circulação. Em seguida, vimos um vídeo que mostra como três artistas utilizam essa técnica em São Paulo.

<https://www.youtube.com/watch?v=CoNop5jsOx8&t=6s>

Após vermos o vídeo, iniciamos uma roda de conversa sobre o trabalho dos artistas e levantei as seguintes questões: quando eu colo meu lambe na rua, ele vai ficar pra sempre lá, sim ou não, porquê? O que eu posso discutir com a arte do lambe? O que você discutiria, por exemplo, no seu bairro ou aqui na escola? O tamanho destes lambes é parecido com o que vimos no encontro anterior? Os trabalhos que vimos eram iguais? Sobre o que os trabalhos falavam? O que significa espaço público?

Sobre essas questões, depois de ouvir todas as hipóteses, eu expliquei que o lambe é uma técnica que chamamos de arte efêmera, ou seja, não é feita para durar para sempre, o tempo de sua existência será marcado pela ação do próprio tempo que vai ser conduzido por ações climáticas, como chuva, sol, e que fará com que haja um desgaste natural desse trabalho. Através dessa técnica, é possível discutir assuntos diversos e podemos utilizar imagens, frases e desenhos. Também é uma técnica de baixo custo, porque podemos fazer xerox de uma imagem ou criação e distribuir em locais de circulação de pessoas, por exemplo, algumas pessoas colam cartazes em postes, fazendo algum tipo de propaganda ou mesmo ação artística.

Em seguida, distribuí revistas e papéis e solicitei que cada um criasse uma figura, a partir de recorte, colagem e desenho, pedi para usar a imaginação e criar um ser ou cena fantástica, estranha, ou maluca. Todos fizeram e, logo abaixo, eu trago alguns registros desse encontro.

Avaliação:

C = consolidado PC = em processo de consolidação NO = necessita de novas oportunidades				
Objetivo	C	PC	NO	Observações
Compreendeu que o Lambe é uma arte efêmera.	x			Sim, disseram que a chuva iria estragar o lambe, mas depois dava pra fazer outra coisa no lugar.

Compreendeu o que é espaço público e a importância do uso através da arte.	x			Sim, disseram novamente que quando passam na Av. Brasil eles podem ver a arte de outras pessoas.
Utilizou dos materiais disponíveis, e da imaginação de maneira muito potente na criação de uma figura.	x			A maioria criou figuras bem distintas e diferentes.

Figura 75 - Estudantes durante uma situação de aprendizagem



Fonte: Autora (2023)

Figura 76 - Estudantes durante situação de aprendizagem



Fonte: Autora (2023)

Figura 77- Colagem realizada pelo estudante João



Fonte: Autora (2023)

Figura 78 - Colagem realizada pelo estudante Diogo



Fonte: Autora (2023)

Figura 79 - Colagem realizada pela estudante Lara



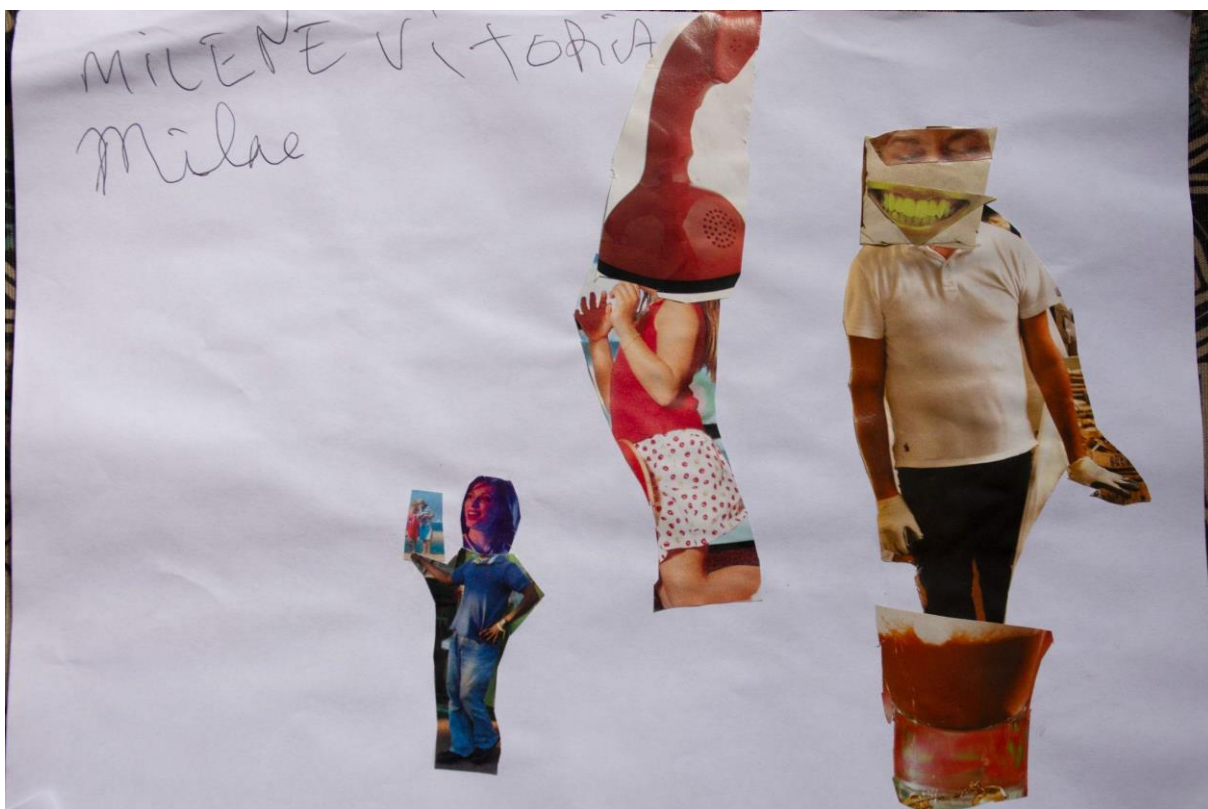
Fonte: Autora (2023)

Figura 80 - Colagem realizada pela estudante Mikaelly



Fonte: Autora (2023)

Figura 81 - Colagem realizada pela estudante Milene



Fonte: Autora (2023)

Figura 82 - Colagem realizada pela estudante Thais



Fonte: Autora (2023)

Figura 83 - Colagem realizada pelo estudante Nicolas



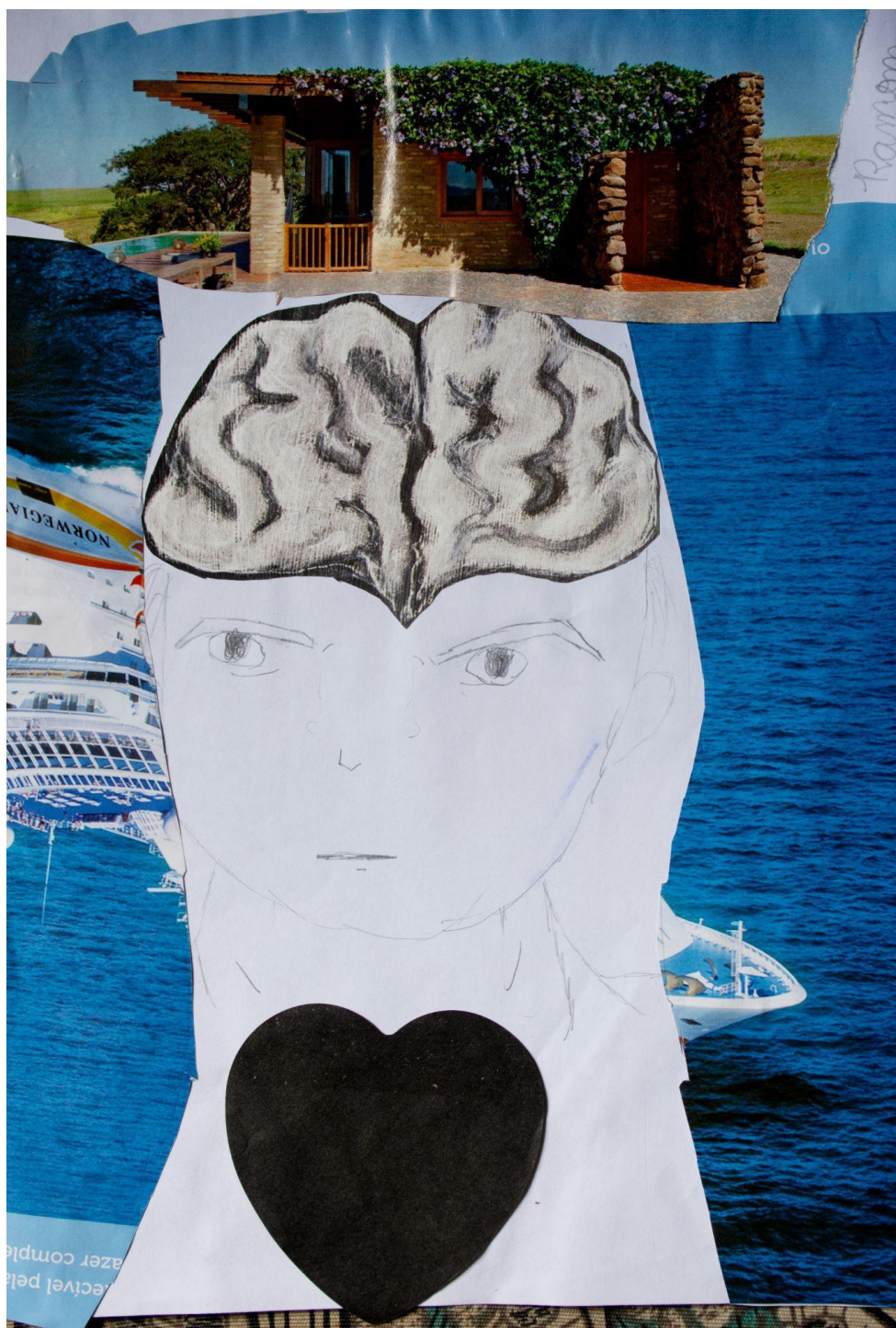
Fonte: Autora (2023)

Figura 84 - Colagem realizada pelo estudante Nicolly



Fonte: Autora (2023)

Figura 85 - Colagem realizada pelo estudante Ramon



Fonte: Autora (2023)

Figura 86 - Colagem realizada pelo estudante Thiago



Fonte: Autora (2023)

4.2.8 Aula 08

Fotografando: retratos de nós		
Tema: Fotografia para o lambe-lambe	Número de Aulas para esta Atividade: 01	Ano/Série: Fundamental I

Objetivo:

Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo.

Habilidades a serem trabalhadas:

(EF05AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

Hoje, iniciamos o encontro retomando a memória da experiência com a câmara escura. Durante a conversa, foram levantados alguns questionamentos, como: as imagens nas câmaras escuras, confeccionadas por vocês eram fixas? Elas ainda existem em algum lugar? Alguns responderam que só na memória. Eu trouxe à conversa o nosso projeto, que conta com as nossas fotografias coladas em algum lugar da escola, fomos juntos observar os lugares disponíveis e, logo, os estudantes disseram que era bom ficar perto do portão pra que todos que entrassem na escola pudessem observar o trabalho deles, então, foi eleito o muro na entrada da escola do lado de dentro. Eu disse a eles que agora nós iríamos fotografar uns aos outros, revezando entre fotografado e fotógrafo. Perguntei como as fotografias no projeto Giganto eram feitas e houve muitas respostas assertivas, então, eu trouxe à fala que as fotografias eram realizadas muito perto das pessoas, focando bem o rosto, que deveríamos ficar parados quando fossemos ser fotografados e, quando fossemos fotografar, também era necessário estar parado para que a fotografia não ficassem com um efeito trêmulo. Escolhemos um local na área externa da escola e foram formadas duplas. Foi divertido, alguns se mostraram ansiosos com sua vez. Eu entreguei meu celular para a primeira dupla e expliquei que a fotografia seria feita na vertical e bem próximo da pessoa retratada. Em nossa sala, temos uma estudante com Down, a Mikaelly, ela participa dos encontros, é curiosa e, na vez da sua dupla, ela quis fotografar e eu apenas segurei suas mãos na direção certa e ela ficou toda feliz quando viu a foto.

Avaliação:

C = consolidado

PC = em processo de consolidação

NO = necessita de novas oportunidades

Objetivo	C	PC	NO	Observações
----------	---	----	----	-------------

Resolveu questões sobre ângulo da fotografia e a proximidade do fotografado.	x			Sim, a maioria inclusive ajudaram o modelo a se posicionar.
Participou de maneira ativa.	x			Todos participaram
Explorou as possibilidades de criação.		x		Alguns fizeram caretas ou pose.

Figura 87 - Xicâ e os estudantes do 5º ano A



Fonte: Tatiane Costa (2023)

4.2.9 Aula 09

Encontro com a artista Elidayana Alexandrino		
Tema: Conversa com artista, fotografia e memória	Número de Aulas para esta Atividade: 01	Ano/Série: Fundamental I
Objetivo: Privilegiar experiências de contato entre o indivíduo e o meio, através do contato e da mediação de uma artista, moradora da cidade de Suzano, aproximando os estudantes de uma pessoa que de fato existe, não apenas nos livros, mas na mesma cidade em que eles		

vivem.

Habilidades a serem trabalhadas:

(EF05AR06) Dialogar sobre a sua criação, as dos colegas e a de diferentes artistas, para alcançar sentidos plurais.

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Nesse encontro, convidei a artista Elidayana Alexandrino, artista visual, pesquisadora e curadora independente, moradora da cidade de Suzano - SP. A artista desenvolve uma pesquisa que leva o nome de “Narrativas que se encontram” e que conta com imagens que aproximam épocas, povos e realidades. Atualmente, seu trabalho está exposto no Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo, e faz parte da exposição coletiva “Encruzilhadas da Arte Afro Brasileira”.

Eu já havia dito que levaria uma artista para conversar com eles e, nesse dia, apresentei Alexandrino e eles se olhavam admirados e curiosos.

Ela pediu que todos fossem para o espaço externo da escola, onde tem uma área verde e algumas árvores. A artista pediu para os estudantes se acomodarem em volta. Em seguida, ela tirou da bolsa uma kalimba, instrumento musical tradicional do povo Shona do Zimbábue, país situado no Sul do Continente Africano. Alexandrino iniciou a conversa, enquanto fazia soar as pontas de metal do instrumento, dizendo: Vocês sabiam que o som também tem memória? e explicou que esse instrumento tem muitas memórias e que cada som é uma memória. Então, perguntou aos estudantes que memória esse som trazia para eles, uma menina respondeu que lembrava de quando era pequena. A artista entregou o instrumento para que cada um tocasse. Ela também disse que esse instrumento vinha de África, um continente muito grande com 54 países, que é de onde os ancestrais dela vieram.

Então, ela estendeu um tecido no chão e pediu que os estudantes retirassem, de uma caixa que ela abriu, uma fotografia. Depois, pediu que eles organizassem no tecido uma exposição das imagens. Cada um foi colocando a fotografia escolhida, e eles foram colocando uma ao lado da outra, mas foram organizando de acordo com critérios que eles mesmos perceberam ao expor as imagens.

A artista perguntou se havia imagens que se pareciam com eles, alguns disseram que sim, mas um menino disse que não, então ela explicou que se tratavam de algumas imagens de família, da História da Arte, pinturas e dela mesma. Essas imagens dialogam entre si, trazendo reflexões sobre ancestralidade, reparação histórica, memórias, afetos.

Avaliação:

C = consolidado PC = em processo de consolidação NO = necessita de novas oportunidades				
Objetivo	C	PC	NO	Observações
Reconheceu em algumas imagens a artista.		x		Foi observado que em algumas imagens havia uma semelhança com a artista.
Participou de maneira ativa nos processos de diálogo e criação em grupo.	x			Todos colocaram a imagem escolhida no local escolhido, e disseram o porque das escolhas.

Figura 88 - A artista Elidayana Alexandrino, ao lado de uma de suas obras, fotografia de Matheus do Val



Fonte: Matheus do Val (2023)

Convidei a artista Elidayana Alexandrino para ir até a escola falar sobre seu trabalho com as crianças, ela não só aceitou, como levou parte da sua obra para fazer uma experiência de leitura de imagem com os estudantes, e as crianças foram convidadas a fazer uma curadoria dessas imagens.

Elidayana é uma bailarina das imagens, passeia como quem dança levemente sobre figuras antigas ao mesmo tempo em que lança um presente mágico, como nos disse uma criança a respeito da sua caixa de madeira.

Ela tem a delicadeza e a força necessárias, ela surge com as imagens como quem traz uma notícia nova e boa... mesmo que seja muito antigo e triste...

As crianças parecem pássaros sobrevoando essa Rainha, respondem quando ela pergunta, e a escutam embaixo de uma árvore escolhida para esse encontro, essa Griô vem nos ensinar sobre o poder do encontro entre passado e presente.

Depois, almoço. Risoto de cogumelos shitake e suco de abacaxi, nossa conversa não tem fim e o tempo quase parou, na certeza de ouvir melhor nossas inquietações e, quem sabe, se enriquecer do amor que flui por nós nesse encontro.

Gratidão Elidayana.

Seguem aqui alguns registros desse dia tão especial.

Figura 89 - A artista Elidayana Alexandrino com os estudantes do 5º ano A



Fonte: Autora (2023)

Figura 90 - A artista Elidayana Alexandrino com os estudantes do 5º ano A



Fonte: Autora (2023)

Figura 91 - A artista Elidayana Alexandrino com os estudantes do 5º ano A



Fonte: Autora (2023)

Figura 92 - A artista Elidayana Alexandrino com os estudantes do 5º ano A



Fonte: Autora (2023)

4.2.10 Aula 10

Colando os lambes		
Tema: Colando os lambes.	Número de Aulas para esta Atividade: 01	Ano/Série: Fundamental I
Objetivo: Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.		
Habilidades a serem trabalhadas: (EF05AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade. (EF05AR06) Dialogar sobre a sua criação, as dos colegas e a de diferentes artistas, para alcançar sentidos plurais. (EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.		
Para esse encontro, eu trouxe as imagens impressas em papel comum. Cada imagem estava dividida em duas folhas tamanho A4, para que ficassem em um tamanho bom de ser visualizado de longe, quando coladas no muro. Antes de sair para o espaço onde iríamos fazer nossa ação, expliquei o processo: a cola é diluída em água (2 partes de água para 1 parte de cola), depois, colocamos o papel nesse líquido e, com cuidado, colamos na parede, utilizando o rolinho ou a mão se achar melhor, mas com muito cuidado para não rasgar o papel. Fomos até a entrada da escola, onde os estudantes escolheram o muro para colar os lambes. A Kaemily ficou ao lado do recipiente com cola observando. Eu orientei os primeiros e interferia apenas se precisassem, cada um que colava sua foto festejava, e alguns começaram a auxiliar os colegas explicando como fazer. Quando chegou a vez da Kaemily, eu fui fazer com ela, que, rapidamente, pegou uma parte da sua foto e mergulhou na cola como todos tinham feito, auxiliei a colar no muro e, pronto, ela estava feliz e eu também. Abaixo, seguem os registros desse dia que com certeza todos nós vamos lembrar.		
Avaliação:		
C = consolidado		

PC = em processo de consolidação NO = necessita de novas oportunidades				
Objetivo	C	PC	NO	Observações
Exercitou de maneira autônoma a experiência artística.	x			Todos participaram de maneira ativa, e em seguida auxiliavam os colegas.
Auxiliou os colegas na resolução de problemas.	x			Sim, alguns ficaram perto da cola e orientavam sobre a quantidade certa para não rasgar o papel.
Demonstrou encantamento, espanto e alegria durante o processo.	x			Sim, todos estavam demonstrando alegria por verem seu trabalho exposto.

Figura 93 - Estudantes observam a professora durante a experiência com lambe-lambe



Fonte: Tatiane Costa (2023)

Figura 94 - Estudantes durante a experiência com lambe-lambe



Fonte: Autora (2023)

Figura 95 - Estudantes durante a experiência com lambe-lambe



Fonte: Autora (2023)

Figura 96 - Menina colando sua imagem em lambe-lambe



Fonte: Autora (2023)

Figura 97 - Menino colando sua imagem em lambe-lambe



Fonte: Autora (2023)

Figura 98 - Menino colando sua imagem em lambe-lambe



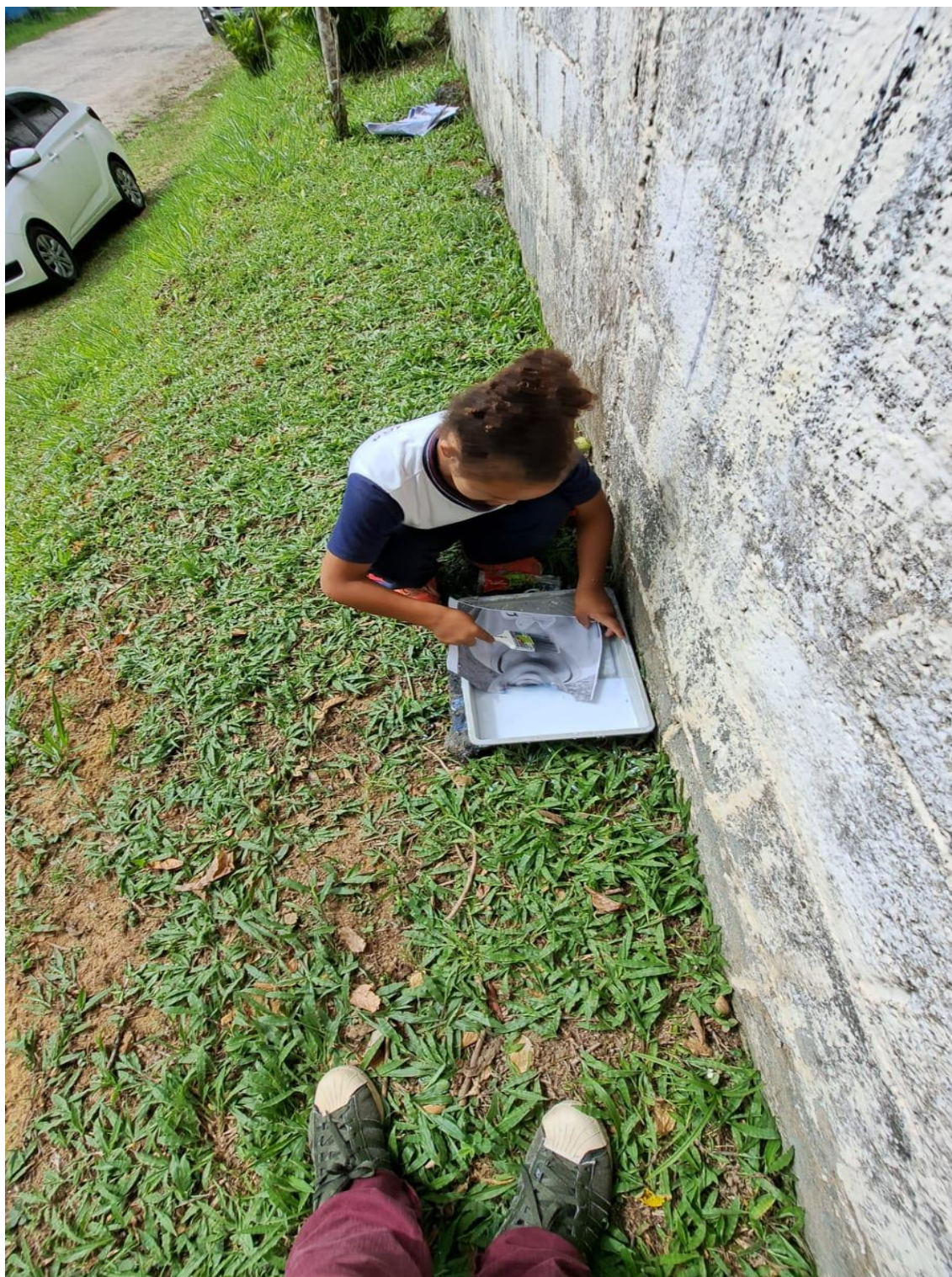
Fonte: Autora (2023)

Figura 99 - Menina observa uma imagem em lambe-lambe



Fonte: Autora (2023)

Figura 100 - Menina passando cola na imagem



Fonte: Autora (2023)

Figura 101 - Menina passando cola na imagem



Fonte: Autora (2023)

Figura 102 - menina colando sua imagem, em lambe-lambe, com a professora Xicâ



Fonte: Autora (2023)

Figura 103 - Menino colando sua imagem em lambe-lambe



Fonte: Autora (2023)

Figura 104 - Estudantes posam para foto em frente ao muro com suas imagens coladas em lambe-lambe



Fonte: Autora (2023)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é meu percurso de encantamento e de me reconhecer no mundo, minha identidade se faz nesse caminhar, e meu ofício de educar se dá a partir/e com o meu ofício de artista.

Eu ensino Artes como quem oferece um sabor, uma cantiga ou algo que se possa guardar na memória. Acredito que a partir de experiências significativas, é possível criar um espaço de amabilidade, onde aprender e ensinar seja um movimento possível dentro de um encontro valioso, que é esse onde estamos por inteiro, onde há escuta, observação, empatia, entrega. Sobre a importância da experiência, Tuan (1983, p. 9) afirma que:

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização.

Trazer essas vivências para a escola é rever a imagem da minha mãe me ofertando os biscoitos de polvilho, e sentir novamente a emoção prazerosa de aprender com o corpo todo. A importância desses encontros vividos, deu-se exatamente no processo e não há um momento definido como o mais importante, ou menos importante, pois todas as vezes que estivemos juntos, discutindo sobre imagens, conhecendo, perguntando, respondendo, foram extremamente preciosas.

Eu desejo que essa dissertação amplie a perspectiva a respeito do ofício de professoras e professores de Arte, de estudantes e educadores que se importam de verdade com a boniteza da educação, como um dia sonhou nosso mestre Paulo Freire.

Minha pesquisa e escrita se dão a partir de uma busca constante, íntima, da reflexão a respeito de um mundo que está em constante movimento, assim como eu, colocando estudantes e professores no espaço da criação artística e, principalmente, no lugar da experimentação e do afeto cotidianos, esse lugar em que a arte educação toma café na mesa da cozinha, um lugar de intimidade legítimo, nesse instante em que nada mais pode separar vida e arte.

Minha vida tem sido pautada na arte, nas imagens que trago na memória, nas que encontro no mundo e naquelas que eu crio, e por saber da diferença absurda que isso faz no meu cotidiano, eu sigo acreditando em Paulo Freire (2003, p 61), quando

ele diz que “é fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática”.

Durante o processo, a nutrição estética possibilitada pela leitura de imagens, proporcionou aos estudantes, outros modos de ver e interpretar o mundo, sendo de fundamental importância na construção do saber, e na descoberta da poética que existe em cada um, sobre essa interpretação Ana Mae Barbosa (2014, p. XXXII),

Escolhi usar a expressão “leitura” da obra de arte na Abordagem Triangular em lugar de apreciação por temer que o termo apreciação fosse interpretado como um mero deslumbramento que vai do arrepio ao suspiro romântico. A palavra leitura sugere uma interpretação para a qual colaboram uma gramática, uma sintaxe, um campo de sentido decodificável e a poética pessoal do decodificador.

A prática educativa e artística desenvolvida no espaço da educação pode fomentar uma aprendizagem crítica e investigativa, que aproxime o universo particular e social de todos os envolvidos.

Utilizando a leitura de imagem como parte fundamental na sequência didática, foi possível ampliar o repertório dos estudantes no sentido de torná-los conhecedores de modos e estratégias utilizados para a leitura, que depois de incorporados, tornam-se parte do nosso modo de observar imagens e aí sim, nos torna autônomos para fazer leituras de maneira crítica.

Vale ressaltar que durante o desenvolvimento das situações de aprendizagem, existe a possibilidade de suscitar o encantamento pelo lugar em que vivemos, legitimando a identidade construída a partir dos lugares de afeto, e aqui eu entendo a escola como um desses lugares, fazendo com que aprender seja tão importante e valioso que, a escola, a casa, o bairro, passem a ser reconhecidos como parte atuante nesse processo da identidade particular e integral.

O encantador e maravilhoso parte da minha observação e do meu modo de viver, e talvez nem todos os estudantes tenham esse mesmo espanto, porque somos seres distintos, mas a mim cabe trazer experiências semelhantes às que me tocaram para que, alimentados por elas, eles tenham a oportunidade de vivenciar algo espantoso, bonito e singular.

A relação que os estudantes estabelecem com o mundo, como receptores e criadores de mensagens visuais e a partir do estudo de imagens, pode vir a ser uma relação de cuidado, afetiva e crítica no sentido de fazer desse mundo um lugar melhor.

Para encerrar essa escrita, eu acredito que a construção da identidade se dá

na relação com o outro, nessa troca de experiências, na subjetividade presente em encontros com arte e nas reflexões sobre o mundo que são ativadas durante esses encontros.

Eu acredito na educação que liberta, que pretende um ser reflexivo e em constante movimento.

O Fotógrafo

Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei. Eu conto:
Madrugada a minha aldeia estava morta.
Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.
Eu estava saindo de uma festa.
Eram quase quatro da manhã.
Ia o Silêncio pela rua carregando um bêbado.
Preparei minha máquina.
O silêncio era um carregador?
Fotografei esse carregador.
Tive outras visões naquela madrugada.
Preparei minha máquina de novo.
Tinha um perfume de jasmim num beiral de um sobrado.
Fotografei o perfume.
Vi uma lesma pregada mais na existência do que na pedra.
Fotografei a existência dela.
Vi ainda azul-perdão no olho de um mendigo.
Fotografei o perdão.
Vi uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.
Fotografei o sobre.
Foi difícil fotografar o sobre.
Por fim cheguei à Nuvem de calça.
Representou pra mim que ela andava na aldeia de braços com Maiakovski – seu criador.
Fotografei a Nuvem de calça e o poeta.
Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa mais justa para cobrir sua noiva.
A foto saiu legal.

Manoel de Barros

REFERÊNCIAS

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia**: sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **De onde vem o poder das imagens que invadem nossas casas e nossos corpos**. In: GIANETTI, Claudia (org). **Ecologia da imagem e dos media** - arte e tecnologia: práticas e estéticas. Évora: Licorne, 2017.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado** – sobre glúteos, cadeiras e imagens. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2017.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte, anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARROS, Manoel. **Ensaaios fotográficos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BARROS, Manoel. **O guardador de águas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Tradução: GUIMARÃES, Júlio Castañon. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BURKE, Edmund. **Investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e da beleza**. Tradução: MIRANDA, Daniel Moreira. São Paulo: EDIPRO, 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Geroges. **A imagem queima**. Tradução: RIBEIRO, Helano. Curitiba: Medusa, 2018.

ECO, Humberto. **História da Beleza**. Tradução: AGUIAR, Eliana. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais**: uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FLUSSER, Vilém. **Ficções Filosóficas**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma filosofia da fotografia. São Paulo: É Realizações, 2018.

FRANGE, Lucimar Bello Pereira. **Noemia Varela e a Arte**. Belo Horizonte. C/Arte, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 27ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. *In*: SAMAIN, Etienne (org). **O fotográfico**. São Paulo: Senac, 2005.

LIMA, Cassia Gonçalves Pereira. (Fotógrafa). **Minha primeira câmera fotográfica**. (Fig.2). 2024.

LIMA, Katia Gonçalves Pereira. (Fotógrafa). **A casa do meu avô**. (Fig. 1). 2018.

MEIRELES, Cecília . **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

NOVAES, Sylvia Caiuby. **O uso da imagem na antropologia**. *In*: SAMAIN, Etienne (Org.). *O fotográfico*. São Paulo: Senac, 2005. p. 111.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979. p. 125.

RHYNE Janie. **Arte e Gestalt**: padrões que convergem. Tradução: NORGREN, Maria de Betania Paes. São Paulo: Summus, 2000.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SARTRE, Jean- Paul. **Esboço para uma teoria das emoções**. Tradução: NEVES, Paulo. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 57.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo, DIFEL, 1983.

UTUARI, Solange dos Santos. **Por toda parte**. São Paulo: FTD, 2014.

ANEXO A – Construção da câmara pinhole

Figura 105 - Camera pinhole



Fonte: Autora (2012)

Materiais

- 1 rolo de filme de 35mm;
- 1 bobina de filme vazia, que tenha uma parte do filme antigo ainda presa (este material você encontra em descartes de lojas de revelação de filmes);
- 1 tubo de tinta guache preta;
- 1 régua;
- 1 tesoura escolar;
- 1 pincel;
- 1 rolo de fita adesiva transparente;
- 1 rolo de fita adesiva preta;
- 1 caixa de fósforos vazia;
- 1 palito de madeira;
- 1 folha de papel preto (cartão ou color set);
- 1 pedaço de papel alumínio medindo 5cm x 5cm (sem amassar);
- 1 furador de papel;

- 1 agulha fina.

Siga a sequência:

Abra a caixa de fósforos descolando-a sem rasgar, com o lápis faça um x em uma das partes e com o auxílio do furador fure no meio do x, como o exemplo abaixo:

Figura 106 - Caixa de fósforos aberta



Fonte: Autora (2012)

Corte a outra parte da caixa de fósforos deixando uma borda de mais ou menos meio centímetro, para que o filme não fique preso quando for rebobinar:

Figura 107 - Caixa de papel sendo cortada



Fonte: Autora (2012)

Agora vamos pintar as duas partes da caixa de fósforo com a tinta preta para criar nossa câmara escura:

Figura 108 - Caixa de papel pintada de preto



Autora (2012)

Em seguida coloque um pedaço de papel alumínio de cerca de 2cm x 2cm sobre o furo na caixa de fósforos (do lado pintado de preto de modo que a parte opaca do papel alumínio fique deste lado) e prenda com a fita adesiva preta. Com muito cuidado utilizando a agulha, faça um furo neste papel alumínio.

Figura 109 - Colocando papel alumínio



Autora (2012)

Recortar em papel preto um retângulo de 3cm x 8cm e um quadrado de 3cm x 3cm. No quadrado faça um furo e posicione ele na parte de fora da caixa (onde está o furo com o papel alumínio na parte de dentro) prenda com a fita adesiva preta as laterais e a parte de baixo deixando a parte de cima livre para colocar o retângulo

preto.

Figura 110 - Obturador



Autora (2012)

Pegue a bobina de filme 35mm e corte a ponta do filme, a bobina usada deve ter um pedaço do filme antigo para que possamos unir as duas bobinas com a fita transparente, o lado fosco dos filmes deve coincidir. O filme tem que ficar bem preso para que não arrebente durante o processo de fotografia.

Figura 111 - Unindo as bobinas

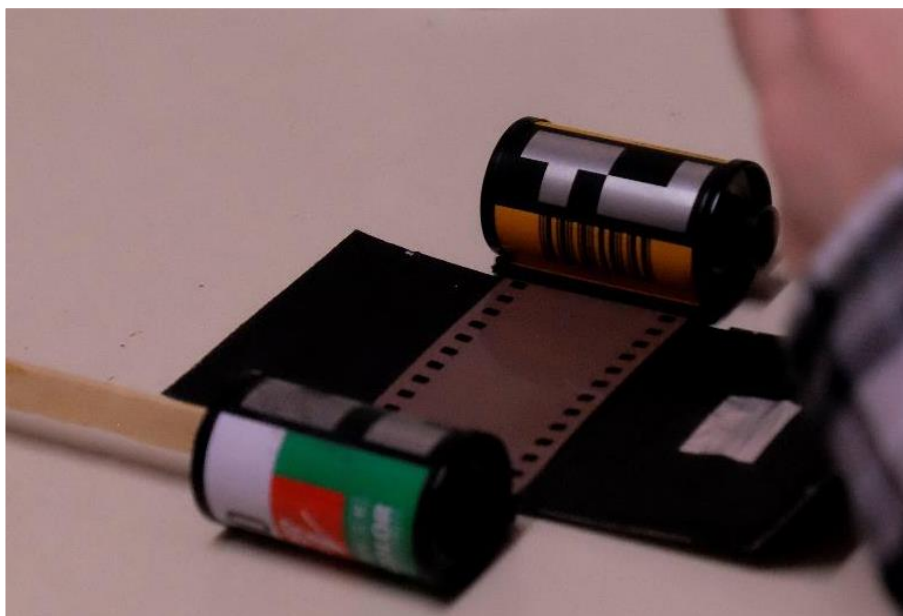


Autora (2012)

Vamos fechar a câmera: com a caixa aberta posicione as bobinas de modo que a parte brilhante do filme encoste na caixa. Sobre o lado fosco do filme coloque a

gaveta recortada. Coloque o palito na bobina vazia.

Figura 112 - Colocando o filme na caixa



Fonte: Autora (2012)

Feche a caixa prendendo com a fita adesiva preta sem apertar, cubra toda a caixa com a fita adesiva deixando livre o furo da frente. Vede bem a caixa para que não entre luz.

Figura 113 - Fechando a câmera e vedando



Fonte: Autora (2012)

Figura 114 - A câmera pinhole pronta



Fonte: Autora (2012)

O palito de madeira servirá para mover a bobina toda vez que você fizer uma fotografia, o retângulo de papel preto servirá para abrir e fechar a entrada de luz, como em um clique da sua máquina.

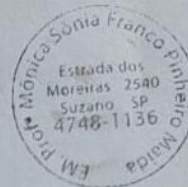
Fotografando:

Coloque sua câmera em um local fixo e abra a entrada de luz de 10 a 40 segundos, dependendo da luminosidade do local. A fotografia vai depender da sensibilidade do filme que você estiver usando, do tamanho do furo feito no alumínio e da luz no momento da fotografia. Você pode abrir e fechar o obturador (retângulo) contando:

- 10 segundos – para sol muito forte ou ambiente com muita luz;
- 40 segundos – para luz mais fraca;
- Mais de 40 segundos – para luz mais fraca e assim por diante.

Depois que o filme acabar leve-o a uma loja especializada em revelação ou digitalização de filmes.

ANEXO B



ENCAMINHAMENTO PARA PESQUISA DE CAMPO

À equipe gestora da EM Prof.ª Mônica Sonia Franco Pinheiro Maida

Senhor Diretor, *Edison Yammine*

Encaminhamos a estudante Francisca Joelma Gonçalves Lima, do curso de Mestrado Profissional em Arte Educação, da Universidade Estadual Paulista -UNESP – Campus São Paulo, para o desenvolvimento de uma pesquisa junto a unidade escolar.

A estudante compromete-se a:

- Não utilizar as imagens fotográficas e vídeos para fins comerciais, devendo apenas utilizá-las como demonstração de sua pesquisa na escola;
- Informar a essa Seção qualquer alteração no decorrer da pesquisa;
- Entregar uma cópia dos dados levantados e da pesquisa à Secretaria da Educação, para o Núcleo Pedagógico de Ensino Fundamental – NPEF.

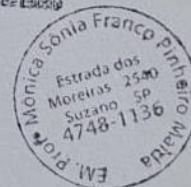
Suzano, 08 de Março de 2023

CIÊNCIA DO PESQUISADOR

Nome: Francisca Joelma Gonçalves Lima

Assinatura: *Francisca Joelma G. Lima*

Edison Yammine
Edison Yammine
RG 16.316.336-0
Diretor de Escola



***Esse documento deverá ser entregue em três vias, sendo uma para a unidade escolar, uma para a Secretaria da Educação e outra para a docente responsável.**